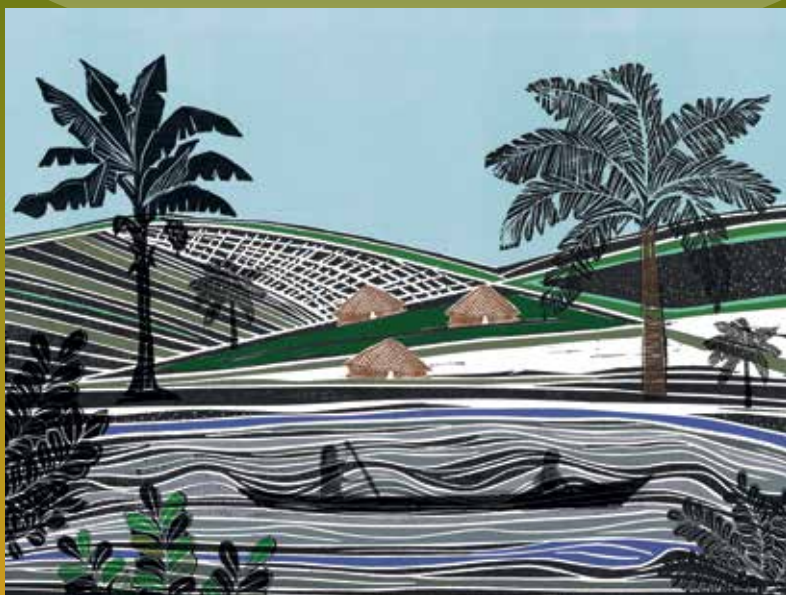


Biomas brasileiros e defesa da vida



3 Os biomas brasileiros
e seus povos originários
Roberto Malvezzi

11 Campanha da Fraternidade de
2017: uma nova concepção de
“vida fraterna”
Nicolau João Bakker

19 Comunicação e memória: os povos
indígenas como protagonistas da história
Cristóvão Domingos de Almeida
Antonio Iraldo Alves de Brito

27 Biomas existenciais originantes: a
terceira margem da memória
Felipe Magalhães Francisco

33 Roteiros homiléticos
Celso Loraschi

Liturgia Diária

formato grande!

- Letras maiores, facilitando a leitura
- Partes fixas da missa, leituras e orações
- Opções de orações eucarísticas
- Pistas para reflexão
- Círculo Bíblico aos domingos
- Cantos litúrgicos

Formato: 17 cm x 24 cm



A **Liturgia Diária**, pioneira no Brasil, agora também disponível em formato grande (17 cm X 24 cm), oferece maior praticidade na hora da leitura. Um guia especial para rezar, celebrar e meditar a Palavra de Deus diariamente.

Para saber mais, visite uma **PAULUS Livraria** ou ligue **0800-164011**.
Se preferir, acesse nossa loja virtual em **paulus.com.br/loja**.

PAULUS,
dá gosto de ler!



vida pastoral *indica*



32 páginas

Via-Sacra com Nossa Senhora **A Virgem Maria acompanha o sofrimento do seu Filho**

João Paulo Bedor e Danilo Alves Lima
(orgs.)

Jesus carregou a cruz para nos redimir dos pecados. Maria acompanhou seu martírio. Medite as estações da via-sacra com a Virgem Maria, sendo testemunha do sofrimento de Cristo.



200 páginas

Celebrando o dia do Senhor **Ciclo Pascal ABC – Subsídio para celebrações dominicais da Palavra de Deus nas comunidades**

Vv.Aa.

O livro apoia-se nas práticas celebrativas da Igreja e na caminhada das comunidades, com roteiros para a celebração dominical da Palavra de Deus no Ciclo Pascal dos anos ABC.



176 páginas

Meditando a palavra 3 **Páscoa**

Padre Augusto César Pereira

A Páscoa representa a passagem para a vida nova, a ressurreição do povo de Deus. *Meditando a Palavra 3* orientará o leitor para essa passagem no seu compromisso com a transformação pascal.



26 faixas

CD Seu amor é sem fim **Cantos para a Semana Santa – Coletânea** PAULUS Música

A Semana Santa é tempo de refletir sobre o sacrifício, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Esta coletânea traz 26 faixas selecionadas para celebrar os ritos da Semana Santa.



15 faixas

CD Clássicos de Páscoa PAULUS Música

Este CD une a tradição musical da celebração pascal ao talento do arranjador, compositor e pianista Miguel Briamonte, que executa as mais belas canções ligadas às festividades da Páscoa.



18 faixas

CD Liturgia XVI **Páscoa Ano A** PAULUS Música

O Coral Nossa Senhora Aparecida interpreta 18 cantos litúrgicos que contemplam todos os domingos da Páscoa próprios do ano A. Arranjos, teclados e produção musical são de Misael Passos Jr.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



312 páginas



Para o diálogo com a pós-modernidade

João Manuel Duque

O que é a pós-modernidade? Que tem a teologia a ver com esse novo ambiente cultural? Neste livro, o autor oferece algumas propostas de interpretação para repensar o exercício da teologia num ambiente cultural em que já não são aceites certos dogmas modernos.

480 páginas



Teologia em diálogo com a literatura **Origem e tarefa poética da teologia**

Alex Villas Boas

A literatura oferece, desde sempre, matéria-prima para a reflexão teológica. A tentativa do professor Alex Villas Boas neste trabalho é articular uma perspectiva para interpretar de modo dinâmico a relação entre a representação artístico-literária e o horizonte teológico nela esboçado.

304 páginas



Para o diálogo com a universidade

João Décio Passos

A relação da teologia com a universidade compõe a história das duas criações da razão no Ocidente. Neste livro, o filósofo e teólogo João Décio Passos explora o espírito de diálogo da teologia com a universidade, que avança à medida que busca no passado a inspiração para o presente.

Prezados irmãos e irmãs,

Graça e Paz!

No dia em que Pedro Álvares Cabral despontou aqui com suas caravelas, quando ainda não éramos Brasil, pisou nossas areias pensando ter achado o desconhecido, o desabitado, o sem dono. Ocorre que estava invadindo território que já tinha donos. E donos ilustres. O povo Tupinambá, por exemplo, que habitavam as margens do rio São Francisco, são descritos na historiografia como o povo tupi por excelência; eram homens preparados para a guerra, de estilo de vida luxuoso e cultura sofisticada. Isso para dizer que o europeu não encontrou uma gente perdida, desterrada, sem alma, sem nada.

Não há consenso, mas é possível dizer que, quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões. Alguns autores asseguram que na época a população indígena era de três milhões ou mais. Foram dizimados por gripe, sarampo, varíola e outras doenças. Escravizados aos milhares e sistematicamente exterminados pelas guerras entre as tribos e, sobretudo, pelo avanço da chamada civilização. Hoje não passam de 325.652. Mesmo assim, há ainda 215 nações e 170 línguas diferentes. Há pelo menos 50 grupos que jamais mantiveram contato com o homem branco, 41 dos quais nem sequer se sabe onde vivem.

Na carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, considerada a certidão de nascimento do Brasil, consta uma descrição rica e pitoresca do encontro do colonizador com a exuberância da natureza e com os tipos humanos daqui. Na narrativa de Caminha é possível notar que os indígenas, à primeira vista, tiveram uma reação de acolhida, evidentemente sem entender nem prever o que viria a ser a chegada daqueles homens diferentes vindos através do mar. “Andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles”, anota o cronista. Pelo número, poderiam ter reagido, se soubes-

sem tratar-se de uma invasão: “Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia quatrocentos e cinquenta”, lembra Caminha.

O autor por mais de uma vez se refere a uma gente inocente e boa: “Porque, certo, essa gente é boa e de boa simplicidade”. Daí o que depois se cunhou chamar de “bom selvagem”. Trata-se também de uma gente bela que não daria trabalho: “Imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar. E, pois, Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui não nos trouxe, creio que não foi sem causa”.

Ocorre que, desde o início, a visão do colonizador foi no sentido de explorar a terra e os nativos. Passou longe a dimensão do cuidado. No afã de dominar e na sede pelo progresso, escravizaram as gentes, ensanguentaram a terra, sujaram os rios, mataram os peixes, envenenaram as águas, pisotearam as formigas, desfizeram os ninhos dos pássaros. Faltou o hino das criaturas contemplando a fauna, a flora, a pluralidade dos povos.

Desgraçadamente, a ideia vigente de desenvolvimento e o tão propalado agronegócio, por exemplo, estão espezinhando a criação e levando o mundo ao colapso. Não é necessário muito para viver. É preciso aprender com os antigos: não apenas prover-se dos bens da natureza, mas se irmanar a ela.

É urgente que voltemos a aprender a contemplar a natureza, sentir o pulsar da terra. Pisar o chão olhando as estrelas. O homem não é senhor de nada. Ele é parte de um grande elo que envolve toda a criação. Só Deus é o Senhor. O ser humano é criatura e precisa aprender com as outras criaturas.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editores Fernando Tangi

Revisão Tiago José Risi Leme, Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRÁSILIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Os biomas brasileiros e seus povos originários

Roberto Malvezzi*

Desafiada pela realidade e pelos apelos da Laudato Si', do papa Francisco, a Igreja propõe que nos debrucemos sobre nosso país mais uma vez, que vejamos nossas riquezas e problemas, num espírito quaresmal de conversão a Deus e aos irmãos e irmãs e também numa verdadeira “conversão ecológica”, para cumprirmos o mandamento que o Criador nos deu desde o início: “cultivar e guardar a criação”.

Introdução

A Quaresma faz parte do calendário litúrgico, então todos os anos nós a reencontramos e somos reencontrados por ela. É um tempo simbólico cujo nome vem de quarenta, ou seja, quarenta anos do povo de Israel no deserto, ou quarenta dias de Jesus no deserto. A Igreja nos oferece esse período como um tempo de nos encontrarmos profundamente com Deus, com nós mesmos e com os irmãos e irmãs.

Portanto, na Quaresma, o deserto deixa de ser apenas um lugar geográfico para ser um lugar teológico. Podemos estar em meio a uma multidão e nos sentirmos no deserto, completamente sós. E na solidão Deus vem ter conosco, e assim experimentamos que, ao final de tudo, só Deus garante a eternidade de tudo e de todos.

*Roberto Malvezzi é formado em Filosofia, Teologia e Estudos Sociais. Escritor e compositor, membro do Comitê Brasileiro da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), e membro da equipe da Campanha da Fraternidade de 2017. E-mail: robertomalvezzi@hotmail.com



Há várias décadas a Igreja católica no Brasil inseriu no período quaresmal as Campanhas da Fraternidade. Cada ano traz um tema. Assim, enquanto olhamos para Deus e para nós mesmos, essas campanhas nos desafiam a olhar para nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis. Contudo, as Campanhas da Fraternidade no Brasil muitas vezes nos levam a olhar também para a Criação que Deus nos deu, a qual devemos “cultivar e guardar”.

Este ano, a Campanha da Fraternidade tem como tema “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida” e como lema “Cultivar e guardar a criação” (Gn 2,15).

Esta Campanha da Fraternidade de 2017 é uma verdadeira contextualização da *Laudato Si’* em território brasileiro. Afinal, o país é famoso no mundo inteiro por suas riquezas naturais, como nossas florestas, fauna, águas, solos e clima variado. Acostumada a essa abundância, desde a chegada dos europeus ao Brasil, nossa civilização parece não saber conviver com ela. Parece que precisamos destruir para produzir, que economia e ecologia são inimigas, e não dimensões de uma mesma realidade, afinal temos de cultivar (economia) e guardar (ecologia) a natureza para tirarmos dela nosso sustento, mas sem eliminar as bases naturais que sustentam nosso povo e todas as formas de vida deste imenso território.

Ainda mais, este território sempre foi habitado por diversos povos, mesmo antes da chegada dos europeus. Depois vieram os brancos e os negros. O que hoje chamamos de “povo brasileiro” é fruto de um processo histórico muitas vezes violento, em que nações inteiras foram extintas, outras reduzidas, sempre com muito sofrimento, escravidões, exclusões, e que, porém, acabou originando um povo diferente exatamente por sua miscigenação.

Nossos problemas históricos de destruição da natureza e dos povos originários começaram no passado — como se fossem nosso pecado original — e atravessam a nossa história, estão no presente e se projetam para o futuro.

Por isso, desafiada pela realidade e pelos apelos da *Laudato Si’*, do papa Francisco, a Igreja propõe que nos debrucemos sobre o nosso país mais uma vez, que vejamos nossas riquezas e problemas, num espírito quaresmal de conversão a Deus e aos irmãos e irmãs e também numa verdadeira “conversão ecológica”, para cumprirmos o mandamento que o Criador nos deu desde o início: “cultivar e guardar a criação”.

“O território
brasileiro sempre foi
habitado por diversos
povos, mesmo antes
da chegada dos
europeus”

1. Imaginemos o Brasil de quinhentos anos atrás

Imaginem os portugueses, quinhentos anos atrás, chegando à costa brasileira, na região de Porto Seguro, sul da Bahia. Estavam diante de um mundo completamente diferente daquele que conheciam. Estavam curiosos e maravilhados com o que tinham diante dos olhos e nem sequer conseguiam esconder esse espanto.

Esse primeiro impacto ficou gravado na carta que Pero Vaz de Caminha enviou ao rei de Portugal, contando o que estavam vendo. Seu relato começa falando das pessoas que encontraram naquela região:

E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergo-



nhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram (CAMINHA, 1500).

As pessoas encontradas pelos portugueses eram diferentes no seu modo de ser, de vestir — não tinham roupas —, usavam arcos e flechas, mas foram absolutamente amistosas com os visitantes, sem nenhum sinal de agressividade. A um sinal, baixaram seus arcos.

Além disso, eram pessoas de profunda inocência:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha (CAMINHA, 1500).

Foi desse modo que as populações originárias receberam os portugueses, e foram essas as primeiras impressões que aquelas pessoas lhes causaram. Contudo, a partir daí, quando precisaram da mão de obra para derubar e transportar o pau-brasil, e lançaram mão da escravização indígena — até os dias de hoje, atravessando a história destes quinhentos anos, essas populações têm sido submetidas ao fogo do inferno, a um longo martírio que parece não ter fim.

Então, um dos propósitos desta Campanha da Fraternidade de 2017 é nos perguntarmos: que foi feito dos povos originários que habitavam esta terra? Quantos ainda existem? Em que condições eles ainda sobrevivem? Afinal, a questão indígena do Brasil é algo do passado ou uma questão que começa no passado, atravessa nossa história, está presente nos dias de hoje e ainda se projeta para o futuro?

Amoris laetitia: sobre o amor na família **Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco**

Papa Francisco



O livro *Amoris laetitia* é fruto de dois sínodos nos quais Papa Francisco discorre sobre a importância do amor na família. Para o Sumo Pontífice, a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja. Apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio — como foi observado pelos padres sinodais —, Francisco observa que “o desejo de família permanece vivo nas jovens gerações”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. A natureza

Porém, o espanto não ficou apenas na contemplação das pessoas. Também foi um choque a visão da natureza. Aquelas águas, árvores, pássaros produziam um encanto indisfarçável.

Andamos por aí vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. Ao longo dela há muitas palmas, não muito altas, em que há muito bons palmitos. Colhemos e comemos deles muitos... Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até a outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvores. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvores, que nos parecia muito longa (CAMINHA, 1500).

O impacto maior, entretanto, será sempre a referência às águas:

E então o Capitão passou o rio com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis, assim, rente da terra. Fomos até uma lagoa grande de água doce, que está junto com a praia, porque toda aquela ribeira do mar é apaulada por cima e sai a água por muitos lugares... Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a

aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem (CAMINHA, 1500).

Pois bem, esta Campanha da Fraternidade quer perguntar a cada brasileiro, a cada autoridade brasileira, particularmente a cada cristão católico o seguinte: o que resta daqueles povos originários encontrados pelos portugueses naquelas praias e, posteriormente, por todo o território brasileiro? O que resta daquelas águas? O que resta daquela biodiversidade — árvores,

**“Os biomas brasileiros
são seis: Mata
Atlântica, caatinga,
cerrado, Amazônia,
Pantanal e pampa”**

animais terrestres e aquáticos — vista naquele primeiro contato?

Ainda mais, estamos no século XXI. Hoje a humanidade pode se colocar criticamente diante do modelo de civilização, particularmente da chamada “civilização ocidental”, e se perguntar se realmente cuida e se dedica ao cultivo dos bens que Deus nos deu, ou se os destrói por um processo econômico predador.

Porém, esta campanha nos pede que olhe- mos a vida que está em nosso território de uma forma orgânica, interligada, ou seja, com nossos olhos iluminados pelos biomas brasileiros. Isso não é fácil para quem não está acostumado a estudá-los, mas quando olhar- mos para nossos biomas, veremos que esta- mos mais próximos deles do que imaginamos.

3. Os biomas brasileiros

Nós temos seis biomas: Mata Atlântica, caatinga, cerrado, Amazônia, Pantanal e pampa. Para muitos cientistas e movimentos sociais, a costa brasileira deveria ser considerada como um sétimo bioma. Porém, no contexto desta Campanha da Fraternidade, ela é parte da Mata Atlântica. Mas o que quer dizer bioma?

A expressão bioma vem de “bio”, que em grego quer dizer “vida”, e “oma”, sufixo também grego que quer dizer “massa, grupo ou estrutura de vida” (BIOMA, 2016). Dessa mesma matriz vem “biologia”, que quer dizer “estudo da vida”.



Então, quando se juntam muitas formas de vida parecidas num mesmo e vasto espaço, tanto vegetal quanto animal, uma dependente da outra, de forma contínua, com uma história semelhante, um clima semelhante, então temos um bioma (MALVEZZI, 2007).

Cientificamente, bioma é definido como

um conjunto de vida (animal e vegetal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria.

Então, quem já andou pelo Brasil vê claramente que a natureza do pampa é diferente da caatinga, assim como esta é diferente da Amazônia, como esta é diferente do cerrado ou do Pantanal. A vegetação, os animais, o relevo, o clima formam conjuntos que os tornam diferentes.

Mais ainda, historicamente, esses biomas eram e são habitados por povos que vêm desde a chegada dos europeus e dos negros, mas que cruzaram com eles, formando nossa imensa população de mais de 200 milhões de habitantes dos dias de hoje.

Ainda estão entre nós nações indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais, além de nossa imensa população urbana que ocupa, vive e impacta esses biomas. Passamos a ter problemas de clima, de água, de poluição nas cidades, de enchentes, secas severas, e nos perguntamos onde vamos parar com tantos problemas.

Então, sempre nesse espírito quaresmal de conversão ecológica, vamos ver rapidamente cada um de nossos biomas, suas características principais, os problemas que afetam cada um deles e os desafios que se colocam para nós nos dias de hoje.

3.1. A Mata Atlântica

O que restou daquele mundo encontrado pelos portugueses quando chegaram à costa brasileira? Hoje restam aproximadamente 12% de sua cobertura vegetal original (SOSMA, 2016).

A Mata Atlântica abrangia uma área equivalente a 1.315.460 km² e estendia-se originalmente ao longo do que hoje são dezessete estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Uma área ainda rica de biodiversidade no que lhe resta, mas onde residem 120 milhões de brasileiros, com imensas cidades que modificam o espaço ocupado, derrubando a floresta, impactando os solos, o ciclo das águas e o conjunto dessa biodiversidade.

Originalmente ocupada pelos Tupi mais ao leste e pelos Guarani mais ao sul, esse espaço hoje é tomado pela maior concentração urbana do país. As cidades trazem imensos problemas de saneamento básico, no abastecimento de água, na coleta e tratamento de esgotos, no manejo de resíduos sólidos e drenagem da água de chuva. Moradores de áreas de risco sofrem o impacto dessa degradação a cada ciclo das chuvas. Das populações originais restam grupos dentro dessas cidades, como os Guarani de Parelheiros, do Pico do Jaraguá, ou as nações indígenas do sul da Bahia.

Repensar os destinos do que resta da Mata Atlântica e sua recuperação — ela é regenerável — impõe um desafio civilizacional de tamanha gravidade que o povo brasileiro e seus dirigentes ainda não compreenderam.

3.2. Amazônia

A Amazônia é o maior bioma do Brasil. Geograficamente, é formada pelos estados da região Norte: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. Mas o bioma avança para os estados do Mato Grosso e Mara-



nhão. Esse território tem uma área de 5.217.423 km², 61% do território brasileiro, mas avança também sobre outros países da região: Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa (CNBB, 2014).

Por tratar-se de região considerada mega-diversa, decisiva no ciclo do carbono e das águas, ambicionada no mundo inteiro por suas riquezas naturais, com imensa diversidade social advinda dos povos originários e imigrantes, é impossível avaliar a importância desse bioma para os brasileiros, para a humanidade e para o planeta que habitamos. Seu processo contínuo de destruição coloca em risco nosso ciclo das águas e o aquecimento global. Vivem na Amazônia 24 milhões de pessoas, 80% das quais em áreas urbanas com problemas de saneamento básico ainda mais graves que no restante do país.

3.3. Cerrado

Originalmente, esse bioma ocupava 192,8 milhões de hectares, abrangendo 13 estados da federação, o que corresponde a 22,65% do território brasileiro, onde vivem 22 milhões de pessoas. Essa extensão corresponde ao chamado “cerrado contínuo” presente nos estados em proporções diferentes: Distrito Federal (100%); Goiás (96,6%); Tocantins (75,6%); Mato Grosso do Sul (59,3%); Mato Grosso (48,3%); Minas Gerais (46,7%); Maranhão (42,1%); Piauí (38,6%); São Paulo (30,6%); Bahia (21,4%); Rondônia (6,7%); Paraná (2,7%); Pará (0,1%).

Considerado o bioma mais antigo da face da Terra, com cerca de 65 milhões de anos, não tem poder de regeneração: uma vez extinto, não tem mais retorno. Entretanto, é chamado de “caixa d’água do Brasil”, “pai das águas”, “cumeeira das águas”, e assim por

diante. Dele dependem todas as principais bacias hidrográficas do Brasil e do Prata.

Com uma imensa biodiversidade, duramente atacado pelo agronegócio com suas imensas monoculturas, cada vez mais o cerrado é um bioma em extinção. Sua compactação impacta diretamente a disponibilidade de

águas de bacias importantes, como é o caso do rio São Francisco. Uma vez extinto, grande parte dos rios dele dependentes morrerá com ele.

Originalmente habitado pelos Tapuia (há 50 mil anos, segundo Kaká Werá), ainda tem remanescentes de muitas nações indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais como os “geraizeiros”.

Porém, grande parte de sua população está em áreas urbanas, como é o caso de Brasília, Goiânia e outras grandes cidades da região.

“Com uma imensa biodiversidade, duramente atacado pelo agronegócio com suas imensas monoculturas, cada vez mais o cerrado é um bioma em extinção”

3.4. Caatinga

A caatinga está na região semiárida brasileira. O semiárido abrange uma área de 969.589,4 km², predominantemente os territórios de oito estados do Nordeste¹ mais o norte de Minas Gerais, circunscrevendo 1.135 municípios, onde vivem cerca de 27 milhões de pessoas. Estas representam 46% da população do Nordeste e 13,5% da população brasileira. Por sua vez, a caatinga cobre mais de 90% desse território, com uma extensão de 844.453 km² (MMA, 2016).²

Esse é o bioma mais estigmatizado e sobre o qual reside um preconceito do tamanho do desconhecimento sobre ele. No imaginário nacional, a caatinga é o lugar seco, sem

¹ Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe.

² Disponível em: <www.mma.gov.br/biomas/caatinga>. Acesso em: 2/maio/2016.



vida, de mortes, de imigrantes, de miséria e mortalidade humana, particularmente a infantil, acima de qualquer parâmetro.

Entretanto, é um bioma de extrema inteligência, adaptado ao clima semiárido, capaz de hibernar nas secas e como que ressuscitar no período chuvoso. Nas últimas décadas, a região sofreu profundas mudanças com o novo paradigma da “convivência com o semi-árido” construído pela sociedade civil, com apoio do governo federal e alguns governos estaduais. A captação da água de chuva para beber e produzir, a educação contextualizada, a agroecologia apropriada, a criação de pequenos animais, a apicultura, enfim, um leque poderoso e criativo de tecnologias sociais fez a região mudar para melhor. Hoje, o padrão de mortalidade infantil está em níveis aceitos pela ONU, e já não temos tragédias humanitárias mesmo em períodos de diminuição das chuvas, como ocorria antes.

Encontram-se na região da caatinga nações indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais como os “fundos de pasto” na Bahia. Ainda é a região mais ruralizada do Brasil, com cerca de 40% de sua população vivendo no meio rural.

3.5. Pantanal

O Pantanal está situado dentro da bacia do Alto Paraguai, equivalente às áreas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná somadas. Essa planície, muitas vezes vista somente como um bioma brasileiro, cobre uma área de quase 210 mil km², dos quais 70% estão no Brasil (nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), 20% na Bolívia e os outros 10% no Paraguai. Grande parte do Pantanal e da bacia hidrografia do Prata, que o inclui, está inserida na lista da Unesco como patrimônio natural da humanidade e também figura na Constituição brasileira como patrimônio nacional (PANTANAL, 2016). Sua população é de aproximadamente 1,1 milhão de habitantes.

Apropriado às pastagens naturais, com

suas extensas áreas úmidas, tem na pecuária uma de suas principais atividades econômicas. O Pantanal é o bioma brasileiro cuja biodiversidade está mais exposta, mais visível aos olhos humanos, particularmente a de animais. Por isso, cresceu muito nas últimas décadas a sua vocação turística nacional e internacional.

Relativamente bem preservado, mas ameaçado por monoculturas e mineração, é uma das riquezas brasileiras a serem preservadas para o bem das atuais e futuras gerações, não apenas pantaneiras.

Muitas comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas estão no território pantaneiro, mesmo que também ali grandes concentrações urbanas já sejam realidade.

3.6. Pampa

O pampa, também conhecido por Campos Sulinos, é um bioma que, em território brasileiro, se restringe ao estado do Rio Grande do Sul, compreendendo 63% do território gaúcho e ocupando 176.496 km² (2,07%) do território nacional, além de se estender a países vizinhos, Argentina e Uruguai (MMA, 2016). Sua população é de aproximadamente 6,2 milhões de habitantes.

Embora sua paisagem seja variada, sua face mais famosa está nas suas planícies, extremamente apropriadas para a criação de gado, à qual está invariavelmente vinculada a figura do gaúcho.

Originalmente habitado por indígenas — presença especial dos Guaranis —, ainda hoje tem remanescentes dessa nação indígena, além de ser espaço de assentamentos de reforma agrária, quilombolas e comunidades tradicionais.

Ameaçado por monoculturas estranhas ao ambiente, como pinus e eucalipto, segue mantendo boa parte de sua biodiversidade original.

Boa parte de sua população é urbana.



Conclusão

Esta Campanha da Fraternidade está indissolúvelmente ligada ao apelo do papa Francisco para que toda a humanidade, particularmente nós, cristãos, tenhamos uma verdadeira “conversão ecológica”.

Podemos nos perguntar: o que podemos e devemos fazer?

Ela começa nas atitudes pessoais, alcança a família, o bairro ou comunidade, mas precisa se estender para toda a região, o Brasil e o mundo. É um desafio do tamanho de nossa época. Particularmente, o conhecimento melhor dos biomas, de suas interfaces e conexões, é fundamental para que possamos preservar o ambiente bom

**“A conversão que
devemos a Deus,
devemos também
aos irmãos e à
sua Criação”**

para se viver, com clima suportável ao ser humano e a todas as formas de vida, com a preservação do ciclo das águas e a preservação de nossa biodiversidade. Na *Laudato Si'*, o papa Francisco nos diz que “cada criatura tem sua mensagem”. Que dirá da mensagem de todas as criaturas, uma interdependente da outra, inclusive a nossa, com os vegetais e outros animais?

É no espírito quaresmal que a Igreja católica nos coloca esse desafio. A conversão que devemos a Deus, devemos também aos irmãos e à sua Criação. Não é perda nem diminuição do espírito quaresmal, ao contrário, é um apelo à nossa plena conversão. ●

O Domingo

Celebração da Palavra: O objetivo deste periódico é celebrar a presença de Deus na caminhada do povo de Deus e servir às comunidades eclesiais na preparação e realização da Liturgia da Palavra. Ele contém as leituras litúrgicas de cada domingo, proposta de reflexão, cantos do Hinário litúrgico da CNBB e um artigo que trata da liturgia do dia ou de algum acontecimento eclesial.

Bibliografia

- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei de Portugal*. Disponível em: <http://www.memorialdodescobrimento.com.br/lingua_portuguesa/carta-de-pero-vaz-de-caminha-ao-rei-de-portugal/>. Acesso em: 7/jun./2016.
- BIOMA. *Etimologia de bioma*. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?bioma>>. Acesso em: 20/jun./2016.
- CNBB. *Desafio missionário* – Documentos da Igreja na Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- MALVEZZI, Roberto. *Semiárido: uma visão holística*. Brasília: CREA/CONFEA, 2007.
- MAZZETTO SILVA, C. E. *O cerrado em disputa: apropriação global e resistências locais*. Brasília: Confea (Coleção Pensar o Brasil – Construir o Futuro da Nação), 2009.
- PANTANAL, Portal. *O guia do santuário ecológico*. Disponível em: <<http://www.portalpantanal.com.br/localizacao.html>>. Acesso em: 18/maio/2016.
- SOSMA. *A Mata Atlântica*. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>>. Acesso em: 16/mar./2016.
- MMA. *Pampa*. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>>. Acesso em: 6/abr./2016.



Campanha da Fraternidade de 2017: uma nova concepção de “vida fraterna”

Nicolau João Bakker, svd*

As ciências da vida, em certo sentido, apontam para uma nova concepção de vida fraterna. Somos verdadeiramente irmãos e irmãs não apenas dos nossos semelhantes, os seres humanos, mas também, como já intuía são Francisco de Assis, de todos os demais seres vivos do planeta. A Campanha da Fraternidade de 2017 nos convida a “educar o nosso olhar”, como já nos aconselhava Teilhard de Chardin.

Introdução

Surpreendeu-me o tema da Campanha da Fraternidade de 2017: “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”. O que a fraternidade tem a ver com os biomas brasileiros? Tradicionalmente, nossos biomas são seis: a Amazônia, o cerrado, a caatinga, a Mata Atlântica, o Pantanal e os pampas do sul. Ultimamente se acrescenta a eles a zona costeira e marinha. Não é um pouco artificial ligar esses biomas ao conceito de fraternida-

*Missionário do Verbo Divino, formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na pastoral prática, rural e urbana. Foi educador popular no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo, São Paulo (CDHEP/CL), e professor de Teologia Pastoral no Instituto de Teologia (Itesp/SP). Nos últimos anos, publica regularmente na *Vida Pastoral*, *REB*, *Convergência* e *Grande Sinal*. Para consulta aos artigos do autor, acessar: <artigospadrenicolausvd.blogspot.com.br>. E-mail: nijlbakker@hotmail.com



de? De fato, mais do que nosso estado ou região de origem, é o bioma que define o viver, conviver e sobreviver do ser humano. Cada bioma é o resultado de forças cósmicas que mudam apenas a longuíssimo prazo e ultrapassam em muito a capacidade humana de, de alguma forma, dominá-los. Muito antes de o ser humano destruir o bioma, o bioma irá destruir o ser humano. Em muitos sentidos, o bioma “gera” o ser humano, dando-lhe sua característica própria, não apenas nas feições do corpo, mas também nas da alma. O objetivo deste artigo é demonstrar que, das ciências da vida, surge uma nova concepção de vida fraterna. Faremos isto, em primeiro lugar, observando “a vida como ela é”. Em seguida veremos que também o bioma, como a própria vida, é sempre uma teia partilhada. E, finalmente, tiraremos algumas conclusões pastorais em defesa da vida.

1. “A vida como ela é”

A fraternidade, antes de ser um fenômeno social, é um fenômeno biológico. Trata-se de um exagero colocar as coisas dessa forma? Parece, mas não é. A vida, apesar das ocasionais aparências contrárias, é toda ela fraterna. Podemos perceber isso melhor quando colocamos debaixo da lupa uma célula viva, de qualquer ser vivente, para observar seu metabolismo (BAKKER, 278/2011). Antes de mais nada, devemos então distinguir entre células sem núcleo central e células com núcleo central. Os especialistas falam em células procariontes e eucariontes. Durante os primeiros 2 bilhões de anos, a vida no planeta Terra, iniciada há cerca de 3,7 bilhões de anos, foi comandada basicamente pelas bactérias, seres vivos unicelulares sem núcleo central. Seu DNA é mil vezes mais simples que o nosso e não passa de um único cordão de uns quatro mil genes que flutua livremente no líquido, o

citoplasma. Mas não subestime as bactérias: sem sexo algum, elas podem multiplicar-se a cada vinte minutos e partilhar entre si até 15% do seu código genético diariamente! Esse *pool* genético deu-lhes a capacidade de adaptar-se às mais diversas e duras condições num planeta em permanente transformação. As bactérias

“Mais do que nosso estado ou região de origem, é o bioma que define o viver, conviver e sobreviver do ser humano”

acabaram desenvolvendo os principais mecanismos de sustentação da vida: a fermentação, a fotossíntese, a fixação do nitrogênio, a respiração aeróbica, a pigmentação, a locomoção etc.

Vamos agora pôr debaixo da lupa a nossa célula, a eucarionte, isto é, a que possui um núcleo

central e apresenta uma complexidade muito maior do que a das bactérias. Devemos à grande microbióloga Lynn Margulis a comprovação científica de que não são apenas as mutações genéticas e as transferências genéticas diretas — como a das bactérias — que fazem evoluir a vida, mas existe também a poderosa força da simbiogênese (MARGULIS, 2002). É aí que percebemos com maior clareza que a vida, em qualquer nível, depende inteiramente da tal fraternidade biológica. Todas as células eucariontes são fruto de uma integração, uma colaboração íntima e permanente — uma simbiose — entre forças vivas antes separadas. Tomemos como exemplo a simples alga do mar, a antecessora das plantas. Colocada debaixo da lupa, os especialistas percebem que seu núcleo genético é uma fusão de dois tipos diferentes de bactérias: a arqueofermentadora, capaz de decompor cadeias de carbono, ou açúcares, transformando-os em energia, e uma já capaz de locomoção, a nadadora. Mais adiante, uma terceira bactéria veio enriquecer o conjunto da célula: a respiradora, especializada em respirar oxigênio. Os novos seres que, há aproximadamente 2 bilhões de anos, resultaram dessa múltipla fusão, ainda unicelulares, vieram receber depois a inestimável colaboração de uma quarta bactéria, a fotos-

sintetizadora (a cianobactéria, verde-azulada). Contudo, os resquícios desta encontramos apenas no reino das plantas, e não no reino dos fungos ou no reino dos animais.

Ajustemos, porém, ainda mais a lente da nossa lupa. Dentro do núcleo central de cada célula eucarionte podemos observar claramente um pequeno mininúcleo que, em conjunto com o DNA principal do núcleo central, dá origem aos aproximadamente 500 milcentros de produção, os ribossomos, espalhados pelo fluido celular, cada um produzindo, além das proteínas e enzimas necessárias, também as quatro organelas principais que sustentam a vida da célula: 1) as usinas solares, ou cloroplastos, que — apenas nas células vegetais — absorvem do ar o dióxido de carbono e a energia do sol, e da terra a água e os minerais, para, com a ajuda de enzimas, transformar tudo em açúcares alimentares, devolvendo ao ar o oxigênio (= fotossíntese); 2) as casas de força, ou mitocôndrias, que, também com a ajuda de enzimas, realizam a respiração celular, usando a energia proveniente do oxigênio para decompor as indispensáveis moléculas de açúcar, transformando-as em transportadores de energia, as famosas moléculas de trifosfato de adenosina (ATP), que fornecem energia a todas as células, e ao corpo, quando e onde for necessário; 3), as bolsas de armazenamento que servem de reserva e acondicionamento dos produtos celulares para serem usados quando necessário; 4) as usinas de reciclagem, onde se faz o reúso de elementos não usados ou danificados. Que bela lição de vida: tudo colabora com tudo e nada é desperdiçado!

Foram esses novos seres com núcleo central e alta complexidade, chamados protistas, que evoluíram, passando de unicelulares a multicelulares, até transformar-se, por caminhos diferentes, nas atuais plantas, fungos e animais. Ao reino destes, devemos humildemente reconhecer, pertencemos todos nós. Se quisermos entender a vida como ela é, não existe melhor retrato do que este, do metabolismo

Patrística – Cipriano de Cartago – Obras Completas I – Vol. 35/1

Cipriano de Cartago



Cipriano de Cartago, primeiro bispo africano mártir, escreveu em resposta a questões pontuais surgidas durante o difícil decênio de seu episcopado. A conduta das virgens exorta ao cuidado com a vaidade e os vícios. Em *Os lapsos*, Cipriano afronta a questão daqueles cristãos que negaram a própria fé durante uma das perseguições do Império Romano e que não deviam ser readmitidos na comunidade sem passar pela disciplina eclesiástica.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





celular. A célula, porém, não é inteiramente autônoma, pois através de sua membrana — resistente, mas permeável — ocorre um vai e vem contínuo de material orgânico. É sempre o “meio ambiente” local que dá sustento à vida, permitindo, inclusive, (raros) momentos de superação. Contudo, não existem comandos externos ou causas únicas. As células se renovam permanentemente, e por própria conta. Sem causa externa, tiram cópias de si mesmas, ou se autorreplicam, como dizem os estudiosos. Qualquer mudança é sempre fruto da ação conjunta da célula toda, e a vida apenas permanece como fruto de relações. Qualquer isolamento significa morte. Uma espécie de fraternidade faz parte, portanto, da essência da vida não consciente. Se na vida consciente frequentemente as coisas são diferentes, não é a conversão ecológica, ressaltada pelos últimos papas, a única solução? A mesma teia de inter-relações colaborativas que caracteriza a célula caracteriza também o órgão no qual a célula está inserida. E assim também o organismo e as relações entre órgãos e organismo. Não importa tratar-se de uma humilde planta, um animal feroz ou qualquer outro ser vivo. Apenas a vida consciente pode interferir no padrão das relações vitais, no sentido de efetivamente contrariá-las.

2. Biomas: teias de vida partilhada

A mesma teia de relações que caracteriza a vida da célula caracteriza também o bioma. O caráter bioquímico da vida não permite exceção à regra. Através de suas divisas — sua membrana permeável —, ocorre um permanente vai e vem de energias cósmicas que lhe dão sustento. As nuvens carregadas de vapor do mar trazem água. Sobras são passadas adiante. Os ventos expulsam o calor excessivo do ar, restaurando a temperatura ideal. A ener-

gia solar está abundantemente disponível para a fotossíntese de todas as plantas verdes. Da mesma forma, o oxigênio, fornecendo energia às mitocôndrias de todos os seres vivos. Como já vimos, é o meio ambiente adequado que permite à vida prosperar.

Porém, cada bioma tem também sua personalidade própria, sua identidade. E esta, também, se renova e se perpetua por conta própria, graças às inúmeras relações colaborativas que são específicas a ela. Um exemplo prático talvez ajude a esclarecer. Recentemente, numa viagem ao sul do Pantanal com alguns familiares, passamos por uma estreita estrada de terra rumo à Pousada & Camping Santa Cla-

ra. Num determinado percurso de não mais de trinta quilômetros, passamos por quase quarenta pontes de madeira, todas de difícil manutenção. Ao lado da estrada, uma imensidão de água de sete metros de profundidade, quase cobrindo a mata verde, buscava uma saída apressada por baixo das pontes. Perguntando ao rústico, mas bem informado guia turístico da pousada sobre o porquê de tantas pontes de difícil e cara manutenção, obtive uma resposta muito esclarecedora. “Aqui no Pantanal”, disse-me com simplicidade, “dependemos muito da água. Nas águas altas nem acesso à pousada não tem. Repare naquela árvore. A parte mais escura do casco mostra que a água, ainda há pouco, estava acima da estrada. As muitas pontes estão aí para a água escoar o mais depressa possível. Daqui a dois meses, todos os pastos por aqui estarão secos. Teremos agora as últimas chuvas de verão. Elas são muito importantes para nós. O sedimento das águas deixa uma fina camada de lodo sobre as raízes da grama, não permitindo que a nova grama se desenvolva bem para o gado comer. A grama tem que crescer antes do tempo da seca. Sem essas chuvas a grama não cresce, o gado pode morrer e eu perco o meu emprego.” Tiro na mosca. Da sabedoria humil-

**“Da sabedoria humilde
de um experiente
pantaneiro recebi uma
grande lição ecológica:
cada bioma é uma
autêntica teia de vida
partilhada”**



de de um experiente pantaneiro recebi uma grande lição ecológica: cada bioma é uma autêntica teia de vida partilhada. Todos dependem de tudo e de todos. Assim como na célula, assim no bioma. Uma grande teia partilhada.

Volto a perguntar: trata-se de um exagero falar em fraternidade biológica? Entendo que não, porque a mais perfeita fraternidade cristã nada mais é do que pôr em prática, conscientemente, o que a própria vida é de forma inconsciente. A vida é sempre uma teia de relações colaborativas. Como tudo está inter-relacionado, qualquer meio ambiente, grande ou pequeno, estará sujeito, historicamente, a momentos de crise ou até, esporadicamente, a grandes cataclismos, mas sempre cada sistema — e os diferentes sistemas entre si —, por suas forças vitais internas, retorna, adaptando-se ao antigo ou a um novo equilíbrio. Não é o tema de reflexão deste artigo, mas é preciso fazer menção a algo misterioso que as ciências da vida têm muita dificuldade de captar. Isso é natural, pois a ciência, por si só, não pode captá-lo. Apenas pela fé é possível captar o sentido mais profundo daquilo que chamamos de vida. O renomado filósofo alemão Hans Jonas usa uma expressão muito adequada. Em toda a criação, ele diz, existe um horizonte de transcendência. Por mais de 1 bilhão de anos, a Terra desconhecia a vida; havia apenas o interminável intercâmbio entre os elementos físico-químicos, em resposta ao meio ambiente cósmico. Contudo, existe uma espécie de fraternidade inicial entre os elementos da natureza. Suas diferentes polaridades elétricas os levam a transcender a individualidade e formar conjuntos marcados pela estabilidade. Em especial o carbono — a mãe de todos os produtos orgânicos — se presta a incontáveis combinações. Logo que o meio ambiente da Terra o permitiu, a fraternidade inicial evoluiu para a fraternidade bioquímica ou biológica que acima retratamos.

Dissemos acima que “o caráter bioquímico

da vida não permite exceção à regra”. O fato é que a própria tendência à transcendência faz parte da regra! Após 620 milhões de anos de evolução, o cérebro humano possibilitou ao ser humano criar consciência de si mesmo e captar a noção de sentido da Vida. Aí surge a fraternidade consciente, a marca registrada de todas as religiões, entre as quais a cristã. Ninguém sabe qual é o ponto final do processo. O inexistente não se sujeita à comprovação científica. Apenas a fé pode intuir a continuidade do horizonte. Nós, cristãos, acreditamos num Reino a construir, a Nova Jerusalém, que, mais do que uma conquista, será um dom, pois “descerá do céu” (Ap 21,10). Ainda há um longo caminho à nossa frente. Quem sabe uma globalização mais positiva possa um dia levar a humanidade a ter relações colaborativas muito mais amplas e profundas. As fraternidades conscientes construirão então a “vida em plenitude” sonhada por Jesus (Jo 10,10). Felicidade humana nada mais é do que isso.

3. Por uma pastoral em defesa da vida

Querer atuar em defesa da vida sem ter uma clareza maior do que a vida é facilmente leva a equívocos. Ter somente teorias, é verdade, de nada adianta, pois a pastoral é feita de ações concretas, mas construir muros sem adequar o prumo é ilusório. É desperdício do nosso precioso tempo. Já dizia santo Agostinho (†430) que não adiantam os grandes passos quando feitos nos caminhos errados. Por outro lado, lembrando meus tempos de professor de Teologia Pastoral, aprendi que receitas prontas não são nada educativas. Como vimos, a vida apenas prospera com colaborações autônomas. Vamos tentar chegar mais perto do dia a dia sem cair na armadilha de aprisionar a criatividade.

3.1. Romper a couraça institucional

Esta é, no meu entender, a primeira pre-condição para um bom trabalho em defesa da



vida. Se o papa insiste numa Igreja em saída, é porque estamos demasiadamente presos aos nossos incontáveis e incontornáveis compromissos paroquiais (ou institucionais). Estou em paróquia e sinto o desafio diariamente. Existe uma ciência, a da cognição ou do conhecimento, que afirma: nosso modo de atuar define o nosso modo de pensar! É humanamente quase impossível romper com as tradições que nos prendem, com as convenções sociais que nos ditam as regras e com o contexto sociocultural que nos impede de ver o que está para além do nosso horizonte. Via de regra, o que se sedimentou no inconsciente fala mais alto do que o consciente.

Ora, não esqueçamos — especialmente nós, agentes pastorais — que a Igreja, durante séculos, se manteve avessa ao mundo. A Igreja enquanto instituição se voltou com exclusividade para as preocupações intraeclesiais. Depois do Concílio Vaticano II, marcadamente na América Latina, houve uma curta reação. As CEBs e as pastorais sociais deram um novo rosto à Igreja, mas, globalmente, as forças renovadoras não prevaleceram. Sem uma sacudida forte no ministério ordenado, especialmente por parte do Vaticano, o clericalismo irá prevalecer e os padres — em geral os animadores gerais do processo — se verão, na prática, presos aos limites impostos pela instituição. No momento do agir, a CF seja no social, seja no ecológico, irá propor, sugerir etc., mas ficará apenas no papel. Romper couraças institucionais é muito mais difícil do que imaginamos. Requer uma espécie de conversão. Quem quer partir em defesa da vida deve largar (em parte!) a agenda paroquial, mobilizar tempo e ir para onde a vida corre perigo.

3.2. Saber articular-se

Esta é outra precondição. Hoje, em quase todos os cantos do Brasil, há gente se preocupando com o meio ambiente. O grande bio-

ma, pela sua enorme extensão, costuma ficar fora do alcance dos binóculos, mas lembrem: a vida é feita de relações colaborativas. São tão importantes os níveis locais quanto os maiores. O bioma costuma ser dividido em grandes bacias hidrográficas. Estas são compostas por muitas sub-bacias menores. E cada bacia me-

**“A Igreja não pode
correr o perigo de,
pela omissão, ser
como o fermento dos
fariseus contra o qual
Jesus admoestou os
seus discípulos”**

nor se constitui de inúmeras microbacias. A vida surgiu da água e dela depende. Você que é padre, irmã ou leigo, não vale a pena dar uma olhada ao redor, ver quem já está atuando, ou querendo atuar, e articular-se com essas pessoas em defesa da vida? Em certa fase de minha vida, tive a oportunidade de atuar junto a uma ONG de

meio ambiente de um pequeno município no interior do estado de São Paulo, na grande bacia hidrográfica do rio Piracicaba (*Vida BAKKER*, 281/2011). Fiz uma pequena cartilha popular sobre as dezesseis microbacias do município (Holambra). Cito uma parte do texto: “Microbacia é uma pequena área geográfica; toda água nela existente, ou toda chuva que nela cair, acaba fluindo para o mesmo córrego que lhe dá o nome”. E em destaque: “Todo ser humano vive numa microbacia. Não permita que se jogue qualquer sujeira nela. A microbacia é a sua casa!”.

Você, leitor, já sabe o nome da sua microbacia? Procure saber, e mãos à obra! O importante é articular-se. Mas “ah, eles são de outra religião”. Não importa. “São de outro partido.” Também não importa. “Não são da nossa paróquia.” Importa menos ainda. A única coisa que importa é defender a vida. Com essa mania da nossa Igreja (ou será dos nossos bispos?) de apenas incentivar as pastorais internas, a vida lá fora está numa agonia danada. Para muitos, já é tarde demais para reverter a situação. Aliás, essa imperiosa necessidade de melhorarmos as nossas articulações não tem a ver apenas com o meio ambiente. É igualmente importante para todas as nossas pastorais sociais. Se em décadas



passadas estas foram, quem sabe, até supervalorizadas, hoje elas — quando ainda existem — estão numa situação de dar dó. Frequentemente, não existe mais nada, nem na paróquia, nem na região pastoral. Não custa, porém, dar início a algo novo. Ultimamente, o que tem dado certo é a criação de pequenos fóruns. São mais maleáveis, pois podem priorizar ora a questão social, ora a questão ecológica. Por aqui criamos, de forma suprapartidária e suprarreligiosa, o nosso fórum de entidades. Estamos, neste momento, na preparação de um ato ecumênico contra a violência e, também, na preparação da nossa Sexta Caminhada Ecológica. Para esta ainda falta definir o foco.

3.3. Focar os inimigos do bioma

Seria muito saudável que todos fizéssemos uma boa análise da surpreendente encíclica *Laudato Si'*, do papa Francisco. Não fala de biomas, mas está perfeitamente dentro daquilo que a vida é. Mais de trinta vezes aborda o tema “tudo está interligado” (BAKKER, 490/2016). Contudo, como o atual sucessor de Pedro não é de dar ponto sem nó, quase quarenta vezes cita como causa principal de uma eventual catástrofe ecológica (LS 4) o atual paradigma tecnocientífico, visto por todos os governos como o único caminho de enfrentamento e superação. Uma verdadeira ilusão global. Todos os biomas são fruto de uma delicada inter-relação entre o clima predominante na área e uma grande variedade de condições locais, tais como: o tipo de solo, fauna e flora, a distribuição geográfica das águas, a densidade populacional, as condições de mercado e até a tradição cultural das populações originárias. O que faz o tal paradigma tecnocientífico? Desconsidera e atravessa todas as condições específicas do bioma e impõe um sistema exógeno (extrabiômico) e único de produção e consumo, sem qualquer preocupação com as consequências sociais e ecológicas. Rasga-se simplesmente toda a teia (tradicional) de vida partilhada. E, como vimos

acima, rasgando a teia da vida, a morte é certa.

Evidentemente, trata-se de uma realidade mais visível nas áreas rurais do que nas áreas urbanas. Vocês que atuam numa área rural, seja na catequese, na liturgia, no dízimo, na pastoral familiar, da juventude, ou em qualquer outra pastoral ou movimento, já pensaram como incluir essa questão da defesa da vida em sua agenda de trabalho? Vejam ao seu redor e reparem onde o paradigma tecnocientífico está fazendo seus maiores estragos. Pode ser uma reserva indígena ameaçada que necessita urgentemente de apoio, uma comunidade quilombola prestes a ser invadida e fatiada pelo “progresso”, a crescente leva dos sem-terra, uma grande área de ribeirinhos que vê minguar sua tradicional fonte de proteínas (peixe, produtos naturais), uma rica reserva natural clamando por defensores, ou então, como ocorre na maioria dos casos, uma rica e produtiva agricultura orgânica e familiar que perde mercado porque todos se deixam seduzir pelos belos produtos apregoados na mídia. Ninguém se mexe, ninguém conscientiza, ninguém se articula contra? Perdida em meio às suas múltiplas e bem-intencionadas preocupações intraeclesiais, a Igreja não pode correr o perigo de, pela omissão, ser como o “fermento” dos fariseus contra o qual Jesus admoestou os seus discípulos (Mt 16,5-12)?

Conclusão

Estabelecer um nexo entre biomas e fraternidade cristã, até muito recentemente, seria impensável. Mesmo hoje é preciso enfocar o tema de forma adequada para não tirar conclusões apressadas e sem nexo. Talvez, mais do que uma questão de doutrina, seja uma questão de espiritualidade. No cristianismo, mais importante do que o conhecer é o viver, o praticar. Perceber que a fé cristã tem algo a ver com o ar que respiramos, com a flora e a fauna, e com as paisagens, as águas e o mar; dar-nos conta, enfim, de que tudo está interligado, que não somos donos, mas parte da natureza, e que “so-



mos todos terra”, como afirma o papa Francisco (LS 2), tudo isso está mais para sentimento, empatia e emoção do que para frias argumentações doutrinárias. A Bíblia toda expressa essa reverência. Jesus a manifesta quando fala dos lírios do campo, e Francisco de Assis faz o mesmo quando pede ao irmão Antônio que, mais do que ensinar a doutrina teológica aos frades menores, se preocupe em ensinar o caminho da piedade. Sem uma mística, o ser humano não muda suas atitudes (LS 216).

Ao escrever este artigo, ocorreu-me a ideia de fazer distinção entre fraternidade inicial, fraternidade biológica e fraternidade consciente. Não tenho dúvida de que ocorreu um

“Não custa dar
início a algo novo.
Ultimamente, o que
tem dado certo é a
criação de pequenos
fóruns”

processo evolutivo nesse sentido. A consciência humana, aliás, continua em evolução. Sem isso, seria incorreto falar em nova concepção de vida fraterna. Não se trata de uma linguagem meramente metafórica. Por mais importante que seja não perder de vista a riqueza das doutrinas acumuladas no passado, as ciências da vida parecem sugerir que o melhor caminho talvez seja o de atentar melhor para a vida como ela é, para assim captar, com maior segurança, o que possa vir a ser a vida em plenitude almejada por Jesus. Nesse sentido, também os biomas têm uma lição a dar. Que a Campanha da Fraternidade de 2017 nos ajude a não perder o foco. ●

Bibliografia

Vida Pastoral, BAKKER, N.I. n.278

Symbiotic planet: a new vision of evolution. New York: Basic Books, 1988.

MARGULIS, L.; SAGAN, D. *Microcosmos*. São Paulo: Cultrix, 2002.

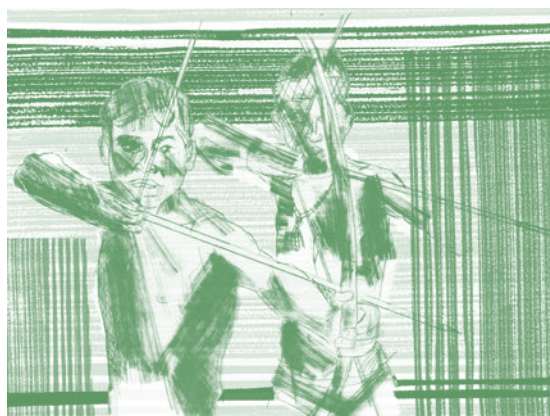
A pastoral em novas perspectivas (I) — introdução ao tema. *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *A pastoral em novas perspectivas (III) — espiritualidade ecológica e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulus, n. 281, 2011.

_____. O papa “que veio de longe”: da *Laudato Si'* ao Ano de Misericórdia. *Convergência*, Brasília: CRB, n.490, 2016.

O DOMINGO - Celebração Orante

- Cada número bimestral traz as celebrações - em base às leituras bíblicas do Diretório da Liturgia da CNBB - para os domingos e dias festivos; tendo sido pensado especialmente para as celebrações dos leigos.
- Segue-se proposta de leitura orante, a partir do evangelho do dia. Essa leitura orante, por ter caráter mais pessoal, poderá ser feita no lugar e no tempo mais propícios a cada fiel.
- Para completar as celebrações e as leituras orantes oferecemos cantos litúrgicos próprios dos respectivos bimestres, bem como orações várias da tradição da Igreja, que ajudam a alimentar a vida cristã.



Comunicação e memória: os povos indígenas como protagonistas da história

Cristóvão Domingos de Almeida*

Antonio Iraldo Alves de Brito*

Este artigo reflete sobre a causa indígena e a importância da tecnologia para o registro da memória e da cultura. Enfatiza a relação entre o cotidiano na aldeia e a formação de vínculos. Leva em conta a comunicação enquanto ferramenta de construção da cidadania.

Cristóvão Domingos de Almeida tem pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo, é doutor em Comunicação e Informação, mestre em Educação e graduado em Relações Públicas. É professor adjunto na Universidade Federal do Pampa. E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

Antonio Iraldo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela Paulus. E-mail: iraildo@paulus.com.br

Introdução

Segundo dados do Censo 2010, os indígenas no Brasil são 896.917, correspondem a 0,47% da população brasileira. Desses, 36,2% habitam a área urbana e 63,8% a área rural. É importante mencionar também que as terras indígenas representam 12,5% do território nacional, somando um total de 106,7 milhões de hectares. Nessa extensão territorial, em poucas áreas mora uma população superior a 10 mil indígenas; a etnia ianomami, por exemplo, localizada nos estados de Amazonas e Roraima (IBGE, 2010), reúne maior número nessas áreas.

Os dados indicam fortemente que a ausência das demarcações de terras indígenas representa um despreparo do Estado em relação aos direitos de acesso à terra. É preciso que o meio administrativo legal ocorra para garantir os territórios ocupados por eles, valorizando as etnias e resgatando uma dívida histórica com essa população.

Na metade dos anos 1990, os indígenas iniciaram o processo de reintegração de posse



da terra. A ação só foi possível com a aprovação da Constituição Federal de 1988, que estabelece o direito de posse aos povos originários desses territórios. Uma preocupação atual diz respeito à decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, que anula os títulos de posse das terras para quem passou a ocupá-las a partir de 1988. Além disso, deve ser comprovado que houve violência física nas disputas pela terra. Se na Constituição Cidadã vimos o reconhecimento dos direitos, a decisão do ministro entendemos como uma arbitrariedade, que beira a irresponsabilidade e o descompromisso com a vida e com a justiça social.

Este artigo é fruto de uma vivência com os indígenas kaining localizados na cidade de Nonoai, região norte do estado do Rio Grande do Sul. A intenção é apontar algumas reflexões acerca das conjunções possíveis entre a comunicação e a cidadania a partir das relações cotidianas vivenciadas na aldeia e da participação coletiva dos indígenas.

Na primeira parte, apresenta-se a relação entre comunicação e cidadania; em seguida, evidencia-se a produção do registro do cotidiano na aldeia, por meio do audiovisual, como prática tecnológica que necessita do encontro com o outro. Portanto, de um estágio tecnológico construído através de uma metodologia — a etnografia — capaz de assegurar a cidadania enquanto possibilidade de agir concretamente no meio em que se vive.

1. Comunicação e cidadania

A prática comunicacional tecnológica — o ato de filmar, fotografar, escrever — pode ser apenas um ato individual, desprovido de um sentido coletivo. Mas pode também ser um ato transformador, de construção de vínculos comunitários, de pertença e de regis-

tros da cultura, bem como de conquistas de direitos. Pode, inclusive, revolucionar. As ferramentas de comunicação, se bem utilizadas, são verdadeiros instrumentos favoráveis à conquista de melhores condições de vida.

Sabe-se que a comunicação humana é, em primeiro plano, a busca do outro. Comunicar é buscar construir e manter vínculos. Quem comunica partilha algo com alguém, num processo recíproco. Não deveria haver soberania do emissor e passividade do receptor. Deveria haver trocas. A comunicação se dá quando emissor e receptor se sentem como iguais. Comunicar é coabitar. De modo que não há comunicação sem o respeito ao outro. Não há comunicação no isolamento.

Nesse sentido, esta abordagem parte do entendimento de que a comunicação é condição normativa e constitutiva da ação humana (WOLTON, 2006). Antes de ser tecnológica, a comunicação face a face e mesmo pública e coletiva possibilita, potencializa os avanços necessários à evolução da pessoa em todas as suas dimensões, desde a ordem material à simbólica e política.

Nessa perspectiva, há íntima relação entre comunicação e cidadania. Porém, essa relação não resulta apenas dos acertos e da convivência humana, supostamente harmoniosa. Há conflitos, relações de poder, dominação, interesses de classes. Não é raro notar que os meios de comunicação são usados como instrumentos de manipulação e de controle. Portanto, essa relação entre comunicação e cidadania é, ao mesmo tempo, humana e normativa, bem como instrumental, funcional, instável e passível de poder e de manipulação. De modo que relacionar a cidadania com a comunicação no sentido de prática tecnológica, e não apenas humana e normativa, é realçar a necessidade de prática

“Os dados indicam fortemente que a ausência das demarcações de terras indígenas representa um despreparo do Estado em relação aos direitos de acesso à terra”



e investigação nos cenários e contextos nos quais essa relação se constitui.

A prática comunicacional sempre deflagra ou reflete alguma vontade de restabelecer esse sentido originário e normativo — visível no sentido de comunicação ideal proposto por Habermas (1984). Sair do estado de incomunicação é a vontade de comunicação e, por que não, de estabelecer contato, relação, comunhão com aquilo que está distante, em silêncio; em condição de não cidadania (WOLTON, 2006).

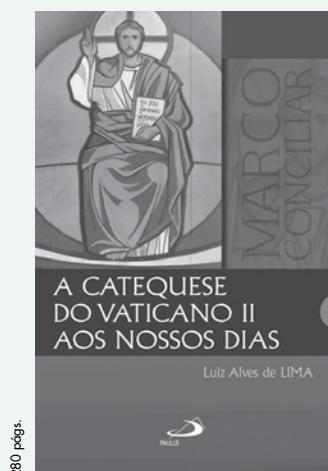
Pelo mesmo caminho da comunicação, a noção de cidadania é primazia da busca coletiva por direitos de combate à crescente injustiça social, bem como da busca por direito à diferença, cultura, informação e comunicação. Mesmo que o direito à cidadania combine com a luta pela sobrevivência equitativa, acesso a educação, moradia, saúde e participação política, supõe-se, também, a cidadania enquanto busca por direitos culturais que excedem as dicotomias entre Estado-mercado-cidadão e mesmo uma cidadania hierarquizada (ALMEIDA; GUINDANI, 2016).

Nesse cenário, acenam outras bandeiras de mobilização, novos campos de ação interpessoal e coletiva, tendo em vista os direitos culturais, que abrangem temas, questões problemáticas relacionadas às múltiplas dimensões do ser humano, tais como gênero, raça, etnia, religião, faixas etárias, nacionalidades. A organização coletiva em busca do direito à cultura/comunicação também abrange outros elementos, como o produto ou a obra produzida, expressões artísticas, folclóricas, pedagógicas, criativas e econômicas.

Como a construção da cidadania e a prática tecnológica estão relacionadas às tensões provocadas pela relação “indivíduo-coletivo” ou pelo controle social dos poderes constituídos, da mesma forma os direitos culturais se configuram de modo complexo, desde os modos e estilos de vida cotidiana: lazer, trabalhar, comer, vestir, habitar, cuidar da saúde

A catequese do Vaticano II aos nossos dias

Luiz Alves de Lima



O movimento catequético contemporâneo, culminando no Vaticano II, renovou a catequese por uma substancial mudança de paradigmas. É o que se mostra neste livro. Após breve retrospectiva histórica da catequese na Igreja, o livro analisa a catequese nos diversos documentos conciliares e no seu impacto posterior até nossos dias. Após refletir sobre problemas e perspectivas atuais da catequese, a conclusão é de que, hoje, estamos a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de, estabelecer interações sociais com os parentes, vizinhos e com a comunidade.

De modo amplo, a relação entre cidadania e comunicação também emerge de questionamentos, como os elencados por Gohn (2004, p. 44): “como conviver, compartilhar, respeitar direitos culturais no mundo globalizado sem ficarmos prisioneiros dos faccionismos, do corporativismo, do fanatismo de alguns grupos culturais?”. Esses questionamentos nos possibilitam pensar a cidadania a partir de outras tensões e conflitos desde o interior de práticas comunicacionais das organizações, dos movimentos sociais, dos grupos identitários e mesmo na relação dos próprios sujeitos em comunicação (ALMEIDA; GUINDANI, 2016).

Martín-Barbero (1997) também enfatiza que a relação entre a comunicação e a cidadania se faz necessária porque assistimos à emergência de novas formas de manifestações políticas dependentes de ações culturais: “Na convergência do novo sentido adquirido pelos processos de transnacionalização com a nova concepção do político, emerge na América Latina uma valorização profundamente nova do cultural” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 297).

2. O audiovisual a partir da cultura

Essas perspectivas nos ajudam a compreender a construção da cidadania desde as ações possíveis na esfera cultural, que aqui delimitamos no registro audiovisual das ações cotidianas na aldeia kaingang, localizada na cidade de Nonoai, ao norte do estado gaúcho. É um jeito de perceber e compreender a cidadania enquanto uma construção cultural, pois “o cultural assinala a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos — regionais, religiosos, sexuais, geracionais — e formas de rebeldia e resistência” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 298). Pensar a prática audiovisual a

partir da cultura significa pensá-la a partir dos diversos elementos, situações e mediações que, igualmente, nos ajudam a romper com as relações comunicação-tecnologia e cidadania-política.

Além disso, é importante considerar o audiovisual enquanto registro da memória cultural. “A memória, em primeiro lugar, pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, pela unidade dos códigos ou por sua invariância ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação” (LOTMAN, 1996, p. 157). Memória ainda no que se refere ao tecido e patrimônio da cultura (WAGNER, 2009), que por sua vez é entendida não como um depósito de informações, mas

“um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas novas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as para outros sistemas de signos” (FERREIRA, 2004, p. 73).

Assim, sem a pretensão de definir cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa, isto é, a compreensão do seu caráter processual e produtor de significações e não da mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor de sentido (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 298).

3. Comunicação audiovisual e alteridade

Concebemos a comunicação visual como uma arte que requer metodologias capazes de nos colocar em aproximação e em sintonia com a singularidade dos personagens; que nos indique o caminho mais curto entre a natureza e o absoluto do que pretendemos registrar e

“A comunicação humana é, em primeiro plano, a busca do outro. Comunicar é buscar construir e manter vínculos”



representar. Portanto, concebemos o registro audiovisual do cotidiano como uma eternização da história e da memória dos povos indígenas. Essa atividade requer a busca ou o registro da naturalidade dos personagens, dando voz a quem pouco ou quase nunca é escutado e expressando, assim, o respeito ao outro, à sua história e à sua singularidade.

Essa afirmação indica-nos que o registro audiovisual do cotidiano dos indígenas consiste inevitavelmente — como a relação entre comunicação e cidadania — em encontros entre o sujeito que opera a tecnologia, dando forma aos enquadramentos e capturando ações e imagens despidas de olhares conservadores e manipuladores. Como expressa Spivak (2014, p. 64), “o subalterno pode falar”, captando o que se ouviu, as lembranças, o aprender com o Outro, as interações e as trocas sociais. Essa reflexão nos instiga a pensar a questão da alteridade enquanto compreensão de si (RICOEUR, 1991, p. 138).

A narração de um fato ou de si mesmo — nesse caso através da prática de registro audiovisual — implica a predisposição de outras referências, sejam vozes, imagens, narrativas, entre outros. Lévinas (1980) considera o outro/alteridade como elemento central de qualquer produção de sentido: “O outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo” (LÉVINAS, 1980, p. 26).

Dessa visada filosófica, os diversos gêneros e formatos de registro audiovisual interligados à perspectiva da alteridade nos indicam a necessidade de reflexão e de ponderação desde a dimensão do “eu” até a do “outro”. Quer dizer, preconceber um argumento, roteiro ou plano de ação audiovisual não é uma ação isolada, como é comum observar nas produções audiovisuais comerciais, em que os créditos finais indicam os méritos exclusivos e individuais de cada função (ALMEIDA; GUINDANI, 2016).

Economia e bem comum **O cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo**

Élio Estanislau Gasda



352 págs.

Qual a importância de uma ética da empresa na era do capitalismo biocognitivo, financeirizado e informacional? Este livro explicita o conteúdo inerente à atividade empresarial e reflete sobre seu significado à luz do cristianismo. Para a Doutrina Social da Igreja, a dignidade humana e o bem comum são princípios inspiradores para uma ética da empresa.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





4. Voz e vez na tribo Kaingangue

Essa perspectiva do registro audiovisual nos leva ao encontro de metodologias que sejam capazes de orientar o olhar à alteridade. Adotamos a etnografia como uma via metodológica indispensável. Como define Geertz (2008, p. 4): “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Na medida em que fomos tomando conhecimento dos fatores históricos que compunham o contexto indígena, percebemos a necessidade de observar com mais sutileza a relação do indígena com a terra, com o meio ambiente, com os costumes, e estabelecer o diálogo com essa realidade tão singular e humanizadora. Por exemplo, a observação dos contextos econômico, cultural e político das personagens demandava um olhar mais atento para questões como o acesso à terra, a luta pela demarcação, o percurso histórico da tribo kaingang, as resistências e a reconquista da aldeia após a expulsão promovida pelos latifundiários gaúchos, entre outras narrativas relatadas. Por isso, o registro audiovisual, em certa medida, também se apresenta como um fazer etnográfico, no sentido de ler um escrito não com os sinais convencionais, mas acolher o texto, o som, a voz do outro, com respeito.

Iniciamos os registros das narrativas com essa aproximação e esse diálogo com os moradores da tribo. Avançamos para o contato com as lideranças da aldeia, com os educadores e estudantes da escola indígena, com os coordenadores e integrantes do ponto de cultura, o primeiro numa comunidade indígena, e com os índios interessados em falar de sua relação com a realidade cotidiana. Cabe destacar que, antes desses contatos, realizamos encontros de estu-

do, pois necessitávamos de informações qualitativas sobre a história e a cultura kaingang.

Esse momento de estudo, reflexão e debate é de suma importância para a posterior compreensão das narrativas dos personagens, principalmente para localizá-las num tempo histórico ou identificá-las enquanto memória de um

contexto não apenas pessoal, mas social, cultural, religioso.

Nessa etapa de registro, não se dispunha de roteiro prévio, mas de elementos ou tópicos estruturais que foram elencados, como a história, o presente, os desafios e os projetos da tribo indígena. No curso evolutivo do debate acerca da história e da cultura indígena kaingang, foi possível, então, desenhar algumas te-

máticas mais específicas, como o incentivo ao estudo, ao processo formativo, as práticas culturais, religiosas, econômicas e sociais.

5. Os primeiros contatos e as imagens

A intenção, no primeiro contato com os indígenas da etnia kaingang, foi de aproximação, tanto com os sujeitos quanto com a paisagem, os cenários e a rotina da aldeia. Fomos recepcionados por lideranças indígenas no ponto de cultura da aldeia Serrinha, localizada às margens da RS 406, no município de Nonoai. O município fica ao norte do estado, distante 416 km da capital Porto Alegre, e faz divisa com o estado de Santa Catarina. Esse ponto de cultura conta com a exposição de diversos artesanatos indígenas, o que nos possibilitou compreender a vasta produção cultural existente na comunidade.

Aproximamo-nos, também, do cacique José Oreste do Nascimento, que nos relatou a história da retomada das terras, bem como o processo de estruturação da aldeia. Posteriormente, visitamos a Escola Estadual Kaingang *Peró ga*. Fomos gentilmente recebidos pelo diretor Emir de Melo e por outros profes-

“No primeiro contato com os indígenas da etnia Kaingangue, foi de aproximação, tanto com os sujeitos quanto com a paisagem, os cenários e a rotina da aldeia”



res, que nos apresentaram a história e a cultura da tribo, bem como o trabalho pedagógico desenvolvido na comunidade. Eles se orgulham de indígenas que concluíram o ensino superior em diversas áreas: medicina, pedagogia, jornalismo, direito e enfermagem.

Nesse primeiro contato, percebemos que a cultura kaingang é mantida através da oralidade, da linguagem e dos costumes tradicionais. Também pudemos compreender algumas especificidades, visíveis na prática matrimonial, conforme nos relatou Emir: “Kaingang são duas metades de origens: os Kamé e os Kairu. Quem é da metade Kamé só pode casar com Kairu e vice-versa; se isso não acontecer, eles terão que viver fora da tribo. Quem se casa com a mesma metade é como se estivesse casando com um irmão”.

Nesse momento, essas narrativas também foram guiadas pelo registro de imagens e fotografias. Nos contatos, verificamos que o registro audiovisual prescinde de ações reflexivas e metodológicas que facilitem o diálogo e as escutas das diversas vozes possíveis. Assim, a experiência do registro audiovisual nos mostra que a cidadania pode ser um elemento central sobretudo quando a consciência ou a intencionalidade dessa prática tecnológica está guiada por valores como o diálogo, a cooperação, a solidariedade e a participação coletiva.

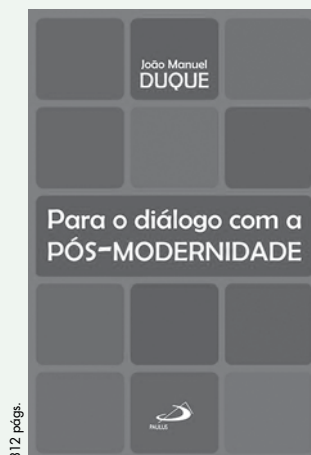
Conclusão

O registro audiovisual do cotidiano em uma aldeia indígena em algum momento toca conscientemente a relação com a cidadania na perspectiva que adotamos: na visibilidade de espaços sociais, territórios, culturas, sobretudo as demandas dos sujeitos, por vezes invisíveis, para as esferas políticas e midiáticas.

A cidadania dos povos indígenas não é apenas um elemento de acesso ao processo de narrar a sua história e os seus costumes; é uma postura, um agir concretamente para transformar a realidade em que vivem, seja ela profis-

Para o diálogo com a pós-modernidade

João Manuel Duque



O que é a pós-modernidade? Que tem a teologia a ver com esse novo ambiente cultural? Trata-se de pura fragmentação relativista, que apenas deve ser condenada? Ou se trata de um fenômeno bem mais complexo, lançando desafios importantes à fé cristã? O autor parte da segunda hipótese e oferece propostas de interpretação que permitirão repensar o exercício da teologia cultural num ambiente cultural em que já não são aceitos certos dogmas modernos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





sional, artística, cultural, religiosa. É uma atitude capaz de assegurar a visibilidade dos sujeitos e de seus argumentos. Trata-se, portanto, de uma experiência de tecnologia distinta das lógicas ou enquadramentos usuais que valoriza mais o ponto de vista da estética formal, a partir de enquadramentos que não evidenciam sobretudo os desafios, os enfrentamentos e as resistências das culturas indígenas secularmente marginalizadas.

O registro audiovisual, portanto, colabora com a construção da cidadania como um direito que não pode ser alienado. Cidadania enquanto possibilidade de poder dizer a palavra, desde a prática tecnológica, que possibilita o en-

**"A cultura
Kaingangue
é mantida através
da oralidade,
da linguagem
e dos costumes
tradicionais"**

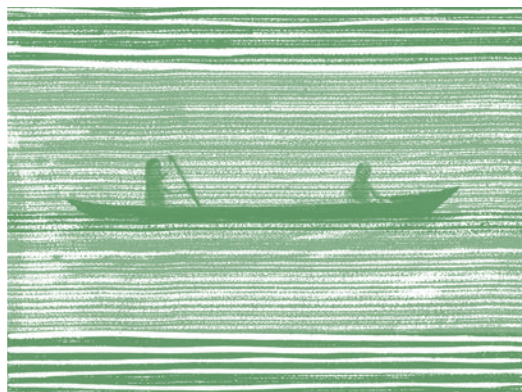
contro com o outro. Realçamos que, além dos complexos e históricos elementos tecnológicos, pedagógicos e produtivos do campo comunicacional, a comunicação é direito à participação, que possibilita o resgate dos valores humanitários, comunitários, da rede de cooperação, de solidariedade, coletivos e interpessoais, como um campo possível e propício para a construção da cidadania.

O desafio para as comunidades é aliar tecnologias a valores sempre mais democráticos e humanizadores.

Não se trata de condenar nem endeusar a técnica, mas agregá-la na construção de um mundo de paz, sem exploração, tirania, violência nem mentiras. ●

Bibliografia

- ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. *Comunicação, memória e cidadania: inserção social na fronteira*. Bagé: EdUNIPAMPA, 2016.
- FERREIRA, J. P. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê, 2004.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- GOHN, M. G. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- HABERMAS, J. O papel da sociedade civil e da esfera pública política. In: _____. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 57-121. V.2.
- _____. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LOTMAN, I. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Tradução de Desiderio Navarro. Valência: Frónesis Catedra, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EDUFMG, 2014.
- WAGNER, R. *A invenção da cultura*, São Paulo, Cosac Naify: 2009.
- WOLTON, D. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.



Biomias existenciais originantes: a terceira margem da memória

Felipe Magalhães Francisco*

O artigo propõe uma reflexão sobre os biomas, de um ponto de vista existencial, extrapolando o conceito científico, numa leitura teológica. Para isso, o autor busca o conceito de memória para sinalizar que a cultura traz, em si, características originantes desses biomas, proporcionando verdadeiras possibilidades de comunhão entre todas as criaturas.

Introdução

O Brasil é múltiplo. Uma de suas maiores riquezas está na diversidade. Como país continental, é difícil perceber seus traços gerais, que tendem a uma “universalização” da cultura, dos costumes, das tradições. É certo que, mesmo nos países menores, territorialmente, essa diversidade também se faz notar, afinal a cultura é viva e está em constante evolução. Ao considerarmos tudo isso, contextualizando nossa experiência de Brasil, toda essa diversidade se expande para um nível macro: o Brasil contém o mundo em si.

Cada rincão de nosso país carrega peculiaridades que compõem uma grande colcha de retalhos de nossa cultura viva, pulsante e tropical. O Brasil é um complexo sistema cultural e social, formando um verdadeiro *ecossistema* existencial. A saúde desse ecossistema, importa dizer, encontra-se sempre ameaçada, como fruto amargo de um país que carrega as marcas de ser um dos mais desiguais do mundo. A força vital que sempre irrompe, no entanto,

*Felipe Magalhães Francisco é bacharel e mestre em Teologia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Atualmente, coordena a Comissão Arquidiocesana de Publicações da Arquidiocese de Belo Horizonte. E-mail: felipe.mfrancisco.teologia@gmail.com



aos modos de um sistema imunológico, é a importante resiliência que carrega o povo brasileiro, que cultiva sua alegria e suas esperanças, para que a vida não esmoreça.

O Brasil é um país casa. Por isso se configura como verdadeiro ecossistema existencial. A palavra *eco* significa, justamente, casa: a casa que nos abriga e que nos é comum. Foi casa para as populações originárias e tem sido casa para muitos que, desde que os portugueses aqui atracaram, continuam a chegar, agregando mais diversidade à cultura e à vida do país. Essa diversidade, aliás, é fruto de muitos encontros: tanto os resultantes das invasões e da exploração quanto dos realmente frutos de espaços de acolhida. Em meio a essa diversidade há, tão certo, o traço sombrio, que se mostra como exploração, como perceberemos ao nos confrontarmos com toda a face terrível da colonização, que se estende aos dias de hoje, perpetuando a tragédia da desigualdade.

Mesmo em meio a tantas ambiguidades, a criatividade humana continua se desdobrando em muitas formas de vida, em constante enfrentamento das muitas mortes. E é justamente isso que configura este grande país e esta grande nação como um ecossistema: a vida vai se organizando para que sobressaia às reais e latentes possibilidades de morte. Sinal disso é o rico despertar artístico em todos os cantos do país, sobretudo pela música e pela literatura, que dizem o humano de forma única e profunda, além de nos impulsionar sempre rumo a uma utopia que não esmorece.

Motivados por toda essa riqueza, que nos configura com o que aqui chamamos de ecossistema existencial, queremos, com o presente artigo, refletir a respeito dos biomas existenciais, pensando nosso enraizamento nessa casa complexa chamada Brasil, bem

como nossa pertença a ela, e também o mundo de um ponto de vista teológico-existencial. Para cumprir tal empresa, partimos da ideia de que formamos biomas existenciais originantes, num primeiro momento. Para explicitar isso, num segundo momento, nossa leitura irá se pautar pela categoria da memória, em seus desdobramentos para a fé e para a caridade.

1. Biomas existenciais originantes: uma resignificação

1.1. Biomas

“Cada rincão de
nosso país carrega
peculiaridades que
compõem uma grande
colcha de retalhos de
nossa cultura viva,
pulsante e tropical”

A palavra *bioma* é uma junção de duas palavras gregas: vida e massa. Configura-se como a organização da vida de determinado ambiente, numa relação entre a pluralidade dos seres vivos, para que essa vida prospere. Em nosso país continental, encontramos seis biomas: a Amazônia, o maior bioma brasileiro; a caatinga, o bioma exclusivamente brasileiro; o cerrado, o se-

gundo maior bioma do país; a Mata Atlântica, um bioma de floresta tropical; o pampa, um bioma de planícies; e o Pantanal, um dos ecossistemas mais ricos do país.

Os biomas são sempre organização natural da vida. Seja por sua própria constituição, seja em relação aos outros biomas, como é o caso do Brasil. No que diz respeito àquilo que constitui um bioma, essa organização dos seres se dá num movimento de constante adaptação das formas de vida às condições apresentadas por esse determinado bioma. A literatura nacional nos é de grande inspiração para perceber o movimento de prosperidade da vida, nessa relação com a natureza. É o caso da célebre obra *Grande sertão: veredas*, do literato mineiro João Guimarães Rosa.

O romance é, sobretudo, uma narração



de amor feita por Riobaldo, um jagunço sertanejo. É declaração de amor tanto pelo sertão quanto por Diadorim, personagem do romance que mais se adaptou à vida junto aos jagunços. É narração de amor tal como ele é: amor que se faz, no cotidiano do existir, no aceitamento do ser do outro, em meio à guerra e à luta pela sobrevivência, cultivando a lealdade e a gratidão:

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isso: é a pessoa com a qual a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isso, quase; e os todos sacrifícios. Ou — amigo — é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 180).

O amor-amizade narrado por Riobaldo mostra a sua relação de gratuidade tanto com seus iguais quanto com o sertão, do qual é filho. A gratuidade na sua relação com o sertão se mostra, ainda, como lugar de reservada distância, tal como se mantém em relação ao sagrado. O sertão é, nesse caso, merecedor de um respeito que parece ser fruto de uma consciência do lugar que ocupa nesse infinito existencial. Essa realidade nos aponta para o lugar do humano junto às realidades criadas: ainda que Riobaldo fosse um jagunço, conhecedor do sertão, ele não assume o lugar da dominação, mas se integra ao sertão, como parte dele, ocupando o lugar de um reverencial respeito: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 25).

Há dor no sertão. Mas não só. O sertão é

um palimpsesto: nele há camadas infinitas de vida, mundos inteiros revelados em luz, poesia e calor; arranhaduras de histórias que se entrelaçam e tecem a teia do existir, narram os caminhos infintos que fazem despontar muitos horizontes; via única a desembocar na terceira margem do amor. Só quem viveu um crepúsculo pôde descobrir isso, a imensidão do sertão, que não é aridez, tampouco segura. É fertilidade plena, tal como ensinam os mandacarus a florescerem sob as estrelas. Tal olhar para o sertão, como nos inspira a narração de Riobaldo, só se faz possível quando se vive em comunhão com o chão que nos sustenta, com o bioma que nos abraça. Essa é uma forte vocação de toda a criação. Eis um exemplo do que chamamos, aqui, de biomas existenciais originantes.

1.2. Vocação para a comunhão

Por muito tempo, o ser humano se considerou o centro de toda a criação, o que lhe dava autoridade para submeter a natureza criada ao seu domínio. Ainda hoje vivemos em tal consciência, apesar de muitos esforços que buscam a transformação dessa mentalidade. De fato, o ser humano ocupa um lugar especial na criação: “Que coisa é o ser humano, para dele te lembrares, o filho do homem, para o visitares?” (Sl 8,5), é o que pergunta o salmista, maravilhado ante a grandiosa obra do Senhor, que faz com o que o ser humano reconheça sua pequenez. Mesmo pequeno, sabe que ocupa um lugar dado pelo próprio Criador: “No entanto, o fizeste só um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos” (Sl 8,6-7).

Já na narrativa da criação, essa vocação desponta: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). *Homem*, que aqui equivale a ser humano, diz respeito à terra da qual foi modelado, sendo um só com ela: “Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó



do solo” (Gn 2,7). E é justamente por, desde sempre, ter recebido a vocação de cultivar o jardim, lugar da convivência, que o ser humano precisa cuidar dele, em comunhão, que significa, também, cuidar de si mesmo, já que é um com a terra que integra.

É nesse horizonte que nos propomos a pensar os biomas de um ponto de vista existencial. Não apenas de um ponto de vista científico, duro, mas como originantes de uma vida de comunhão. É o que nos inspira a relação de Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, com o sertão. Não podemos nos reconhecer como pessoas fora do chão existencial que nos sustenta e que nos integra. É o que faz constantemente Riobaldo, ao narrar sua vida, sempre a remetendo ao sertão, que ganha ares muito mais amplos que territoriais: sua vida e o sertão são um só.

É o lugar da comunhão que todo ser humano é chamado a ter com seu bioma, que precisa ganhar contornos existenciais. Não nos é estranho, nessa perspectiva, identificar cada bioma existencial com o Éden, o jardim da deliciosa convivência, ainda que com características tão próprias e nem sempre paradisíacas. Trata-se de encontrar sentido para sua existência, numa postura de comunhão com o conjunto da vida, de maneira harmoniosa e sem nenhum traço utilitarista.

O convite à fecundidade e ao crescimento é feito a partir da dinâmica do amor. Só no amor o ser humano pode submeter a criação, como sinal de bênção do Senhor (cf. Gn 1,28), da mesma forma como o Criador lida com suas criaturas. Essa é a responsabilidade humana de ser imagem e semelhança de seu Criador (cf. Gn 1,27). O amor-responsabilidade faz com que, à imagem e semelhança do Criador, participemos da criação de modo ativo: na comunhão com o mundo criado, fazer de nossa existência uma cultura originante, a

fim de que essa comunhão se torne cada vez mais profunda. Como elemento fundamental dessa dinâmica originante, a partir dos biomas existenciais, está a importância da memória, força motriz de fé e de caridade.

2. A terceira margem da memória

Somos seres de memória: mais que pés presos ao passado, a memória atualiza sempre em nós a nossa própria história, seja como indivíduos pertencentes a uma família, seja como promotores de vida, como participantes

da obra criadora do Senhor. Fazer memória é construir a história, de maneira a criar identidade. Aqui, importa-nos pensar uma identidade de comunhão. Nesse sentido, pensar em biomas existenciais originantes é dar à categoria da memória um lugar importante. Somos porque somos memória. Essa memória nos liga uns aos outros e, também, ao mundo

criado, pois é nele que fazemos nossa história humana e é partir dele que precisamos humanizar, cada vez mais, nossa identidade, conforme o mais profundo de nossa vocação.

As tradições judaica e cristã só se compreendem a partir da memória que carregam. A memória é verdadeiro tesouro que carece de cuidado e de transmissão. Antes de tudo, a memória é experiência. Isso nos coloca diante do fato de que fazer memória é mais que relembrar situações e ocasiões, mas revivê-las no aqui e no agora. É o caso de, sentindo um aroma, sermos imediatamente transportados a um contexto que nos marcou profundamente: um bolo assado na casa da avó, por exemplo. Não significa apenas lembrar que nossas avós assavam bolos, mas, no hoje de nossos dias, ao sentir tal aroma, reviver experiencialmente a ocasião de esperar e de comer o bolo.

Fazer memória é voltar e também viver uma transformação no hoje que nos lança para

“Só quem viveu um
crepúsculo pôde
descobrir isso, a
imensidão do sertão,
que não é aridez,
tampouco secura”



a frente. É o caso das tradições judaica e cristã, nas quais a memória é originária de uma experiência de sentido que faz com que as duas tradições se mantenham vivas ao longo do tempo: a fé que está intimamente ligada à comunhão com Deus. No caso do judaísmo, a memória é originária da fé no Deus libertador: celebrar a Páscoa é fazer memória da libertação da escravidão no Egito (cf. Ex 12,24-27) — “Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que rito é este?’, respondereis: ‘É o sacrifício da Páscoa para o Senhor, que passou adiante das casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios, mas *livrou as nossas casas*’” (vv. 26-27). Para o cristianismo, fazer memória do mistério pascal de Cristo é celebrar o grande evento de nossa participação na vida filial de Jesus, por meio da comunhão que fazemos com sua vida: “Fazei isto em *memória* de mim” (Lc 22,19).

A memória mantém viva a experiência de fé dos judeus e dos cristãos, pois, ao rememorar os eventos fundadores de sua fé, fazem a experiência originante dessa fé: vivem a salvação como *hoje*. Tal compreensão nos serve de metáfora, quando pensamos a memória como originante de nossa relação com o mundo criado, pois somos chamados a sempre fazer experiência de uma relação profunda de comunhão com esse mundo criado, por sermos parte dele. Fazer memória dessa experiência, nesse caso, significa ter sempre diante de nossos olhos que somos terra.

O convite que fazemos, então, é o de alcançarmos a terceira margem da memória. A inspiração nos vem de um conto do já citado João Guimarães Rosa, chamado *A terceira margem do rio* (2001, p. 79-85). O conto narra a decisão de um pai de família de viver dentro de uma canoinha, isolado de tudo. A terceira margem do rio é a margem mais profunda, que não tem beira. É uma bela metáfora do encontro com o mais profundo de si mesmo, numa viagem sem volta. O que para muitos era loucura, para o homem era encontro com o sentido, aonde poucas pessoas ousam chegar.

Propomos, então, que precisamos alcançar a terceira margem da memória. Trata-se de assumir a memória como possibilidade de manter viva, em nós, a capacidade de comunhão com nossa própria origem: somos um fio na grande teia da criação. E, nessa teia, somos o fio com a responsabilidade do cuidado. Sem a memória dessa nossa vocação, dessa origem que nos une a todos, não somos capazes de viver a comunhão. A conversão ecológica que todos precisamos viver impele-nos à tomada de consciência de que participamos, desde dentro, da natureza. Alcançando a terceira margem da memória, somos convidados a refletir sobre a memória para a fé e sobre a memória para a caridade.

2.1. Memória para a fé

A narrativa da vida dos sertanejos feita por João Guimarães Rosa no *Grande sertão: veredas*, como vimos, mostra a importância de fazer-nos um com o ambiente que nos abriga, ainda que as dificuldades de prosperidade de vida seja muitas. Nessa perspectiva, a fé se faz importante e as memórias da relação das pessoas com esses lugares, verdadeiros biomas existenciais, inspiram-nos, ao nos revelar que originam verdadeiras experiências de comunhão com a terra. Entre tais memórias, percebemos o costume de lavar o cruzeiro, à espera da chuva, para fecundar o solo e possibilitar a continuidade da vida.

O costume de lavar o cruzeiro revela a profunda experiência de associar a cruz de Cristo ao nosso sofrimento. O Filho de Deus não nos é alheio e participa, conosco, do nosso processo de buscar a prosperidade da vida, na comunhão com todas as criaturas. Sabemos que, em nossas lidas cotidianas, completamos em nós os sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1,24) e, aprendendo a lidar com tais sofrimentos, somos santificados. Tudo isso, no entanto, não significa resignação perante o sofrimento, mas atribuir sentido às experiências que fazemos, a partir da própria vida do Filho de Deus, que nos revela a plena



realização da humanidade. É em Cristo, por sua Ressurreição — vitória sobre a cruz —, que toda a criação espera o tempo novo, de nova criação, e geme como que em dores de parto à espera de um novo nascimento (cf. Rm 8,22).

2.2. Memória para a caridade

Como experiência originante, o amor se revela como solidariedade. Fazer memória disso é fundamental para a realização de nossa humanidade, em comunhão com toda a criação. O *ubuntu*, filosofia própria de comunidades da África, ajuda-nos a perceber a dimensão da memória para a caridade: nas relações estabelecidas, pratica-se o *ubuntu*, que significa “eu sou porque nós somos”. Isso só é possível pela profunda consciência de que somos para a relação: com os outros, com o mundo e com Deus.

Ao findar a criação, o Criador contempla a obra de suas mãos e percebe quanto tudo o que havia feito era bom (cf. Gn 1,31). Essa bondade de toda a criação nos leva a pensar na vocação de todas as criaturas para a vida de comunhão: a prática concreta do *ubuntu*. A memória para a caridade nos coloca diante da experiência originante de sermos um. A encarnação do Filho de Deus, como condição de possibilidade do restabelecimento de nossa vida de comunhão com Deus, alerta-nos para a importância de vivermos o amor como imperativo. Dessa forma, o amor (ágape) deve ser sempre rememorado em nossa experiência com o mundo como um importante “bioma existencial”.

Conclusão

Na diversidade cultural de nosso país, mas também em todo o mundo, as muitas

experiências significativas vividas pelas pessoas tornam-se verdadeiros biomas existenciais. A prosperidade da vida torna-se possível sobretudo quando há harmonia com toda a criação, no respeito pela dignidade da vida em todas as suas formas. Prosperar não significa sobreviver a qualquer custo, mas responsabilizar-se pela vida de todo o mundo criado. Essa responsabilidade, bem sabemos, configura como verdadeira vocação que nasce da experiência de sermos criados à imagem e semelhança do Criador.

Nesse horizonte, não podemos perder a dimensão da memória, como possibilidade de que sempre tenhamos diante de nós, de modo vivo, as experiências originantes que dão sentido à nossa existência no mundo. Nesse sentido, precisamos sempre buscar alcançar a terceira margem da memória, na profundidade das experiências que revelam que somos um com a casa que nos abriga e com os outros seres que nela habitam, constituindo verdadeiros biomas existenciais.

Tudo isso faz com que se mantenha vivo o impulso por romper com as injustiças presentes no mundo, transformando nossos comportamentos e nossas relações com as criaturas. Na ocasião da Campanha da Fraternidade deste ano, que possamos sempre rememorar nossa vocação, partindo da profunda experiência de sempre voltar às origens do que somos, a fim de que nos humanizemos, a partir dos biomas que nos dão identidade. Esse caminho vamos percorrendo até que Deus seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,28) e, finalmente, vivamos a eterna festa da criação, quando o Criador será, definitivamente, louvado (cf. Sl 150). ●

Bibliografia

- _____. GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. A terceira margem do rio. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 79-85.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos e professor de evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc). E-mail: loraschi@itesc.org.br



Celso Loraschi*

1º Domingo da Quaresma
5 de março

Não só de pão vive o ser humano

I. Introdução geral

Iniciamos o período da Quaresma com a disposição renovada de mergulhar em Deus, deixando-nos iluminar por suas palavras, questionando-nos sobre nossas atitudes e comprometendo-nos com uma nova vida. Somos fruto da iniciativa amorosa de Deus. Ele nos modelou a partir do barro e deu-nos a vida, insuflando em nós o seu sopro divino. Presenteou o ser humano com uma habitação especial, um jardim que produz toda espécie de frutos. Para conservar o estado de bem-estar e alegria, ordenou-lhe que não tocassem na “árvore da ciência do bem e do mal”. Porém, a rebeldia dos homens e das mulheres, representados por Adão e Eva, originou toda espécie de males (I leitura). Deus, no entanto, não abandona as suas criaturas. Ele é criador e também libertador. Por isso, como máxima ex-



pressão do seu amor, enviou o seu Filho, Jesus Cristo, para nos libertar de todos os males, com suas consequências. Se pelo pecado de Adão entrou a morte no mundo, pela graça de Jesus Cristo nos é dada a redenção (II leitura). Para isso, Jesus assumiu plenamente a condição humana, sofreu toda espécie de tentações durante toda a sua vida. Não caiu, porém, nelas. Permaneceu fiel à vontade do Pai, alimentando-se permanentemente de sua palavra e cultivando a sua intimidade pelo silêncio e pela oração (evangelho). Portanto, a palavra e o exemplo de nosso irmão maior, Jesus Cristo, devem tornar-se o pão nosso de cada dia, que nos sustenta na caminhada desta vida e nos mantém na fidelidade ao projeto de Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 2,7-9; 3,1-7): Da argila da terra Deus criou o ser humano

A figura de Deus apresentada nesse relato da criação é a de um oleiro com incrível capacidade artística. Percebe-se a intenção dos autores de ressaltar a origem do ser humano, que tem íntima ligação com Deus e com a terra que ele criou. O próprio nome Adão vem de *adamah*, termo hebraico que designa a terra. É a palavra que deu origem ao homem, entendido aqui como nome genérico da raça humana. Homens e mulheres são seres originados do húmus da terra. A terra, portanto, Deus a fez e a usou como “mãe” da humanidade. Ela é fonte de vida, é fértil e produz todas as espécies de frutos.

Deus é pai, amigo e conselheiro dos seus filhos e filhas. Dá-lhes as instruções necessárias para que possam viver sobre a terra em íntima comunhão com ele e, como decorrência, em solidariedade com todas as coisas. Por isso, Deus pede que não comam do fruto da “árvore da ciência do bem e do mal”. Em

outras palavras: os seres humanos devem respeitar a soberania de Deus sobre todas as coisas e submeter-se ao seu desígnio. Tudo o que ele faz é muito bom.

A narrativa busca explicar o motivo do sofrimento pessoal e dos males sociais. A origem de todas as coisas está fundamentada na bondade divina. Foram feitas para o bem dos seres humanos. Por que, então, o sofrimento? Os autores do texto expressam profunda consciência crítica sobre a opressão. Esta constitui a causa de todos os males. Ao tomarem a figura da serpente como a provocadora da violação da ordem divina, apontam para a sagacidade do poder em “dar o bote” para morder e alienar a consciência humana.

Certamente, o grupo que está por trás do texto conhece muito bem as consequências da monarquia israelita. Analisam a realidade social, denunciando a ambição de grandeza e de sabedoria do regime monárquico, que pretende ser “igual a Deus”, usurpando o poder divino e revelando o domínio sobre os bens e as pessoas. Mas, como diz o adágio popular, “o rei está nu”. A nudez revela que a fraqueza e a condição de mortalidade fazem parte da pessoa. De que lhe adiantam as pretensões de poder e de possessão? Confrontado honestamente com o desígnio divino, o ser humano, pretensamente poderoso, sente-se envergonhado. É claro, pois a conquista e a manutenção do poder envolvem mentiras, enganação, usurpação de bens... Deus, porém, é justo e verdadeiro. Diante dele, nenhuma “folha de figueira” cobre essa nudez, a transparência de sua verdade, por mais que a pessoa busque justificativas.

2. II leitura (Rm 5,12-19): O novo ser humano em Jesus Cristo

Um dos temas dominantes na carta aos Romanos é a justificação pela graça. Para São Paulo, o pecado entrou no mundo trazendo a morte. Esta deve ser entendida não apenas



em seu aspecto físico, mas também como realidade pessoal e social, proveniente do egoísmo humano. É herança da transgressão de Adão, representante dos seres humanos. Essa condição de pecadores nos torna incapazes de nos redimir. Nenhum mérito humano possibilita a salvação. Ela nos é dada por pura graça de Deus, que se revela plenamente em Cristo Jesus.

Com a Lei, ficou explícito em que consiste o pecado. Com Jesus, a Lei foi superada e, sem ela, o pecado já não é levado em conta. Isso acontece porque a graça de Deus foi derramada sobre todos nós, pecadores, redimindo-nos do pecado. Se o pecado de Adão trouxe a morte, a fidelidade de Jesus Cristo trouxe a vida definitiva. Se a rebeldia do ser humano diante do Criador trouxe a condenação para todos, o dom gratuito de Jesus Cristo para todos trouxe a justificação. Se a transgressão do ser humano é fonte de morte, a graça de Deus, por meio de Jesus, é fonte de vida plena. A graça nos reconcilia com Deus e resgata a nossa integridade. Pela graça, é-nos dada a vida eterna.

São Paulo nos convence de que o pecado foi o instrumento que possibilitou a manifestação da misericórdia divina. A transgressão do “primeiro Adão” não conseguiu impedir o fluxo da graça. Pelo contrário, fê-la fluir ainda mais abundantemente. Essa certeza nos torna abertos para acolher o perdão gratuito de Deus e nos incentiva a mergulhar sempre mais em sua graça. Deus nos criou por amor e também por amor nos liberta do mal e da morte. O ato de expiação de Jesus, o novo Adão, anulou definitivamente o poder do pecado.

3. Evangelho (Mt 4,1-11): Jesus vence as tentações

Desde o início do seu ministério, Jesus enfrenta o embate com propostas diabólicas que buscam desviá-lo de sua missão de defender e promover a vida digna das vítimas do poder em sua tríplice dimensão. O “diabo”, a antiga

Ética responsável e criativa

Juvenal Arduini



136 págs.

Os pensadores abrem espaços fecundos para a reflexão lúcida e autêntica. É hora de assumir o diálogo, a linguagem, a ciência, a estética, a consciência, a justiça, a paz, a dimensão crítica, a realidade filosófica, o compromisso radical e o futuro utópico. A visão cultural deve manter a liberdade, a responsabilidade e o direito: questionar-se é um valor positivo. A esperança busca a libertação para vigorar o sentido da personalidade. O mundo clama por soluções, para renovar a consciência pessoal e para reconstruir a nova história da humanidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





serpente, inimigo do plano de Deus para a humanidade (cujas expressões se encontram tanto dentro de cada um de nós como nas próprias estruturas sociais), convida Jesus a seguir outro caminho, procurando fazê-lo abandonar a missão que iria realizar como Messias sofredor. Em toda a sua vida (esse é o sentido dos “40 dias e 40 noites”), Jesus foi tentado a dar preferência a uma lógica criada segundo intentos egoístas. Teve a possibilidade de ou apresentar um falso messianismo, satisfazendo as expectativas dos seus contemporâneos, ou optar pela realização da vontade do Pai, assumindo o serviço de libertação junto às pessoas excluídas.

A *primeira tentação* indica a dimensão econômica do poder. Jesus, como ser humano, sentiu-se certamente atraído pela proposta de orientar a sua vida para o acúmulo de bens e para o desfrute dos prazeres que eles podem oferecer. Podia até mesmo ancorar-se na “teologia da retribuição”, tão presente nos ensinamentos oficiais dos doutores da Lei, legitimando a riqueza e o bem-estar físico como bênçãos divinas. Porém Jesus vai por outro caminho. Ele empenha todo o seu tempo e sacrifica a própria vida no cumprimento da missão que o Pai lhe deu em favor do resgate da vida digna sem exclusão. Ao responder que a pessoa vive não só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus, aponta para a perspectiva essencial que deve conduzir todos os nossos passos. A palavra de Deus constitui a fonte e a autoridade das quais emana todo ensinamento capaz de realizar as aspirações mais profundas de cada um de nós; é alimento capaz de satisfazer a fome do coração humano, desejoso de inteireza e autenticidade.

A *segunda tentação* refere-se à dimensão religiosa do poder. O “pináculo”, para além da parte física mais alta do templo, representa os elevados cargos que um judeu poderia galgar na hierarquia religiosa. Esse caminho de poder, pela via religiosa, proporcionaria a Jesus prestígio e proteção muito especiais. A

pessoa envolvida na “auréola” de uma espiritualidade legitimada pela ideologia do sistema religioso oficial, como era o caso do templo de Jerusalém, sente-se assegurada pela “blindagem” que seu *status* religioso proporciona. Jesus poderia apegar-se à sua condição divina e mostrar “sinais do céu”, como queriam os fariseus e saduceus. Poderia “forçar” a providência de Deus, solucionando magicamente os problemas humanos. A resposta de Jesus de não tentar o Senhor Deus informa-nos de que a lógica humana deve submeter-se à lógica divina, e não o contrário. A vontade do Pai, de forma desconcertante, manifesta-se no caminho da obediência de seu Filho até a morte de cruz. Com isso, cai por terra toda a presunção de querer usar a Deus para a vanglória humana.

A *terceira tentação* indica a dimensão política do poder. Equivale à tentação da idolatria por excelência: adoração a Satanás. É posicionar-se como um ser divino, com o poder de agir, de forma absoluta, sobre pessoas e bens. É a tentação de querer alcançar a felicidade suprema pela autoafirmação e pelo domínio sobre os outros. Jesus, com certeza, confrontou-se com essa possibilidade de orientar toda a sua vida no sentido de galgar cargos políticos que lhe conferissem força e fama social. As multidões queriam fazê-lo rei... O posicionamento de Jesus, ao rejeitar essa tentação, transforma-se no caminho de superação de todo domínio e também de todo servilismo. Coloca a Deus como o único Ser digno de adoração. Jesus propõe nova ordem social como realização da vontade do Pai e orienta toda a sua missão para a organização dessa nova ordem. Revela, assim, a verdadeira origem do reino de justiça, fraternidade e paz: é dom de Deus e serviço abnegado dos seus filhos e filhas.

III. Pistas para reflexão

— *Deus é criador e libertador.* Em seu desígnio de amor, criou o ser humano em íntima união com a mãe terra. Em sua providência



generosa, garante as condições de vida digna para todas as pessoas. Deu-nos a missão de cuidar de todas as coisas, sem cair na tentação de “comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal”, isto é, de entrar na ideologia do poder, que tende a dominar as pessoas e se apossar do que é de todos. É preciso respeitar e promover o princípio da soberania de Deus sobre todas as coisas e administrá-las com justiça, evitando toda espécie de exploração.

— *Não cair em tentação.* Durante toda a nossa vida, somos tentados a abdicar do compromisso com o projeto de Deus, deixando-nos levar por propostas diabólicas. Jesus nos ensinou o caminho de superação das tentações do poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa. É claro que a economia, a política e a religião podem ser meios privilegiados para a construção do reino de justiça, paz e fraternidade no mundo, desde que sejam organizadas como serviço dedicado e honesto ao próximo, principalmente às pessoas mais necessitadas.

— *Ser portadores da graça divina.* Com sua obediência radical à vontade do Pai, Jesus nos trouxe a graça da libertação de todos os males e a vida em plenitude. Seguindo seus passos, podemos ser portadores da graça divina, defendendo e promovendo o direito à vida digna sem exclusão.

2º Domingo da Quaresma

12 de março

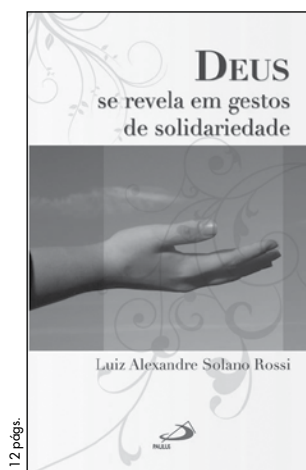
Transfiguração: a vida que triunfa sobre a morte

I. Introdução geral

Seguir a Deus é assumir atitude de permanente êxodo. Abraão, nosso pai na fé, foi chamado por Deus a pôr-se a caminho para a ter-

Deus se revela em gestos de solidariedade

Luiz Alexandre Solano Rossi



Nesta obra, o autor aborda a espiritualidade do povo, que se revela não só na experiência de Deus em momentos de alegria, gratidão, mas também nas situações de sofrimento, ameaça e perseguição. Com certeza, o leitor encontrará neste livro os temas centrais da mensagem do Antigo Testamento e um precioso auxílio para meditar sobre sua caminhada e seguir o caminho do bem e da justiça.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





ra prometida. Foi provocado a deixar as seguranças para entrar na dinâmica do plano de amor de Deus, visando uma “terra sem males”, uma sociedade de justiça e paz. Obedecendo ao chamado divino, Abraão e sua família tornaram-se portadores da bênção divina para todo o povo (I leitura). O cristão, continuamente, corre o risco de se equivocar a respeito de Jesus e de sua proposta. Como Pedro no episódio da transfiguração, tende a construir o “ninho” de proteção e de bem-estar, negligenciando as implicações do seguimento de Jesus no caminho da cruz e da morte (evangelho). É bom prestar atenção nos conselhos de Paulo a Timóteo: são expressões de amor e de solidariedade a quem passa por situações conflituosas. Timóteo é encorajado a persistir no testemunho de Jesus Cristo, participando de seus sofrimentos pela causa do evangelho (II leitura). Neste tempo propício de penitência e conversão, somos convidados a ouvir o chamado que Deus nos faz para ser santos; é tempo propício para aprofundar a vocação que dele recebemos e discernir o que é essencial do que é ilusório.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 12,1-4a): A fé que se transforma em caminho

A Bíblia nos apresenta a figura de Abraão como o pai do povo de Israel. Sua fé e confiança em Deus tornam-se a principal herança para as futuras gerações. Abraão é representativo de grupos seminômades que, por natureza, não se submetem à dominação do poder político, como o exercido naquela época (em torno de 1500 a.C.) pelas cidades-estado. São caminhantes, sempre em busca de terra fértil que proporcione pastagens para a sobrevivência dos seus rebanhos e, conseqüentemente, de suas famílias e clãs.

A experiência que Abraão possui de Deus está intimamente ligada ao estilo de vida dos

pastores. A garantia da terra e o senso de liberdade são fundamentais. A presença de Deus se dá onde se encontram as famílias. Ele caminha com os pastores, conduz os seus passos e lhes dá a terra de que necessitam. A terra é promessa e dom de Deus, porém é necessário que Abraão esteja disposto a romper com as seguranças que impedem a caminhada na direção que Deus lhe aponta. Confiar no Deus da promessa é ter a certeza de um mundo sem exploração e sem fome. Essa promessa é motivadora para os movimentos populares, especialmente em época de opressão, como aquela exercida pelo Egito e, posteriormente, pela monarquia israelita. Abraão torna-se a “memória perigosa” que desacomoda os oprimidos, proporcionando-lhes inspiração para a resistência e a mobilização em vista de uma nova sociedade.

2. II leitura (2Tm 1,8b-10): A santa vocação

A segunda carta a Timóteo faz parte das tradicionalmente conhecidas “cartas pastorais” (junto com 1Tm e Tt). São dirigidas aos animadores de Igrejas cristãs, num tom pessoal. Os autores atribuem essas cartas a Paulo. Foram escritas algum tempo depois de sua morte, no intuito de iluminar e fortalecer a missão desses “pastores” junto às comunidades.

Timóteo havia sido um companheiro de Paulo. Participou da segunda e terceira viagens missionárias. Era uma pessoa de confiança e dedicado à evangelização. Paulo podia contar com ele para enviá-lo às comunidades a fim de levar instruções e animar a fé dos cristãos. Após a morte de Paulo, continuou a missão de ministro da Palavra, revelando-se importante liderança. A tradição o venera como bispo de Éfeso. Etimologicamente, Timóteo significa “aquele que honra a Deus”.

O texto da leitura de hoje indica uma situação difícil pela qual está passando Timóteo. O intuito é confortá-lo e animá-lo à perseverança. Timóteo é convidado a participar so-



lidariamente dos sofrimentos pelos quais Paulo também passou por causa do evangelho. Quem assumiu a missão de servir à Palavra não pode sucumbir às dificuldades nem manifestar-se timidamente. A tribulação é inerente ao anúncio do evangelho quando feito com autenticidade. Como aconteceu com Jesus, também acontece com os seus discípulos. Nessa mesma carta, encontramos o alerta: “Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (3,12).

A confiança plena na graça de Deus deve ser característica da pessoa que evangeliza. Deus nos salvou gratuitamente em Jesus Cristo. Ele nos chama com uma santa vocação para servi-lo e amá-lo. A santidade nos faz andar cotidianamente na intimidade divina, como o fez Jesus. A pessoa santa é portadora da graça e irradiadora da boa notícia de Jesus, o Salvador, que venceu a morte e fez brilhar a vida. A missão de Timóteo e de toda pessoa seguidora de Jesus é anunciar, de modo permanente e corajoso, esse projeto salvador de Deus, concebido desde toda a eternidade e revelado plenamente em Jesus Cristo.

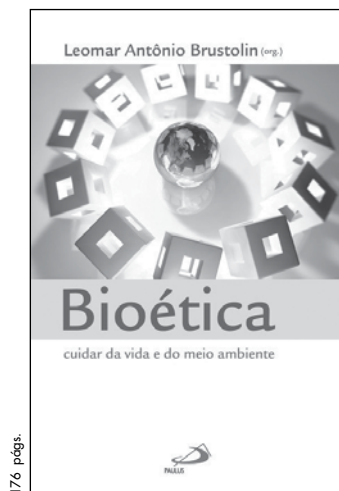
3. Evangelho (Mt 17,1-9): A transfiguração de Jesus

A narrativa da transfiguração de Jesus está permeada de elementos simbólicos teologicamente muito significativos. Vemos Jesus subindo à montanha com Pedro, Tiago e João. Todos participam de uma experiência mística inédita. Moisés e Elias também se fazem presentes e dialogam com Jesus.

Lembremos, especialmente, que a comunidade de Mateus é formada de judeus que vivem a fé cristã. Portanto, é importante que a tradição judaica seja respeitada e aprofundada agora em novo contexto. Assim, a montanha tem um significado especial de manifestação de Deus. Basta lembrar o dom da Lei de Deus a Moisés no monte Sinai. Assim também a expressão “seis dias depois”, bem como a presença da nuvem. Lemos em Ex

Bioética **Cuidar da vida** **e do meio ambiente**

Leomar Antônio Brustolin (org.)



176 págs.

A ética nasce da responsabilidade diante do outro. Acolhendo ou rejeitando o semelhante, definem-se as relações de cooperação ou de dominação. Decorre, então, a necessidade de estabelecer critérios que permitam cuidar da vida. Este livro, resultado de uma visão multidisciplinar, pretende estimular a ética do cuidado para as pessoas, a sociedade e o ambiente.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





24,16: “Quando Moisés subiu ao monte, a nuvem cobriu o monte. A glória do Senhor pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. Como vemos, há íntima relação entre a transfiguração de Jesus e a experiência religiosa de Moisés. É um momento extraordinário de manifestação divina. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, caminho que aponta para o Messias. Jesus é o cumprimento da promessa do Pai revelada na Sagrada Escritura.

Podemos considerar como centro dessa narrativa a declaração de Deus: “Este é meu Filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o!”. Essa voz que vem do céu declarando a filiação divina de Jesus também se fez ouvir no seu batismo (Mt 3,17). É, sem dúvida, a confissão de fé da comunidade cristã, representada nesse momento por Pedro, Tiago e João. De fato, os discípulos, no barco, reconhecem Jesus caminhando sobre as águas e salvando Pedro de sua fraqueza de fé: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (14,33). Na ocasião em que Jesus pergunta o que dizem dele, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16,16). É no momento da morte de Jesus que o centurião e os guardas declaram: “De fato, esse era Filho de Deus” (27,54). O anúncio da verdade sobre Jesus não foi feito aos que detinham o poder político ou religioso. Também não foi feito em algum centro ou instituição importante. Dirigiu-se, sim, a um grupo de gente simples, num lugar social periférico.

O imperativo “escutai-o” enfatiza a perfeita relação entre a profissão de fé em Jesus como “Filho de Deus” e a atenção cuidadosa ao seu ensinamento. O elemento fundamental do ensino de Jesus é que ele terá de passar pelo sofrimento e pela morte, na perspectiva do “Servo sofredor” anunciado pelo profeta Isaías (cf. 42,1-9). Não é por acaso que Mateus insere o relato da transfiguração logo após o primeiro anúncio de sua paixão e morte e o convite ao discipulado: “Se alguém

quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (16,24). Portanto, os discípulos deverão compreender que o caminho para o seguimento de Jesus, Servo de Deus, implica “descer da montanha” e assumir as consequências, conforme o testemunho do Mestre. Porém esse não é um caminho derrotista. A vida triunfa sobre a morte. A glória de Deus se manifestará plenamente na ressurreição. A transfiguração é um sinal antecipado da realidade da Páscoa.

III. Pistas para reflexão

— *Pôr-se à disposição de Deus.* As leituras deste domingo nos apontam a dinâmica do projeto libertador de Deus: deixar as seguranças que nos engessam para nos pormos a caminho da terra que Deus deseja para a humanidade. A exemplo de Abraão e sua família, nós também podemos assumir a fé e a total confiança em Deus, que sustenta e guia os nossos passos na verdade, na justiça e no amor. Essa é a melhor herança que podemos deixar às futuras gerações.

— *Assumir a missão de evangelizar.* Timóteo, “aquele que honra a Deus”, assumiu a missão de anunciar o evangelho de forma corajosa e perseverante mesmo nas situações difíceis; também nós podemos ser anunciadores da Boa Notícia de Jesus em nossas famílias, na comunidade e na sociedade. Isso acontece pela coerência entre fé e vida, pelo testemunho de doação alegre, também pela constância no testemunho de diálogo e de fraternidade. Assim, estaremos respondendo à “santa vocação” a que fomos chamados pela bondade de Deus.

— *A vida é um permanente caminhar.* Jesus foi a grande manifestação de Deus para a humanidade. Pedro, Tiago e João foram agraciados com uma experiência maravilhosa, participando da transfiguração de Jesus. Também em nossa vida, Deus nos concede momentos de muita luz, consolo e força. Tendemos, porém, a buscar e a nos acomodar ao que nos



garante bem-estar, prazeres, sensações agradáveis... Não podemos esquecer que seguir Jesus implica “descer da montanha” do egoísmo e da acomodação. Seguir Jesus é entregar-se pela causa da vida digna sem exclusão, alicerçada na justiça e na igualdade.

3º Domingo da Quaresma
19 de março

Adoração em espírito e verdade

I. Introdução geral

Deus é a fonte de todos os bens. Acompanha com carinho os seus filhos e filhas na caminhada desta vida. Fornece-lhes alimento e força a fim de que seu projeto de vida digna para todos se realize no mundo. É preciso caminhar com a certeza de conquistar a terra prometida por Deus, onde a justiça e a paz se abraçam. O povo de Deus não pode cair na tentação de voltar atrás e acomodar-se dentro de sistemas que exploram e matam. Deus caminha com seu povo e o liberta das opressões. Os conflitos e as dificuldades fazem parte do processo de construção de um mundo novo (I leitura). Jesus é “Deus-conosco”, a água viva que sacia a nossa sede de plenitude. Ele nos ensina o caminho de superação dos legalismos e nacionalismos que dificultam a aproximação e o diálogo entre pessoas e povos. Ele nos proporciona a possibilidade de reconhecer o rosto de Deus nas tradições e culturas diversas e, assim, adorá-lo “em espírito e verdade” (evangelho). São Paulo, na carta aos Romanos, demonstra que a fé em Deus torna a pessoa justa. Isso acontece por meio de Jesus Cristo, que entregou sua vida por amor a todos nós, pecadores (II leitura). Por ele, caminhamos na esperança que não decepciona, pois ele nos salvou gratuitamente.

Comunicação ambiental Reflexões e práticas em educação e comunicação ambiental

Vilmar Sidnei Demamam Berna



120 págs.

A mudança que todos queremos e precisamos rumo a uma sociedade ambientalmente sustentável e socialmente mais justa, defende Vilmar S. D. Berna neste livro, não é obra do acaso, mas resulta de nossas escolhas baseadas nas informações que recebemos, nos valores que nos motivam e nas ações e atitudes que tomamos concretamente. Se estas informações forem mentirosas, insuficientes ou manipuladas certamente, isso influenciará essas escolhas, e a mudança rumo à sustentabilidade poderá ser comprometida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 17,3-7): Deus caminha com seu povo

O povo de Israel caminha pelo deserto, em processo de libertação da escravidão do Egito. O tempo passa, as dificuldades aumentam. O entusiasmo dos primeiros momentos do êxodo dá lugar a reclamações. Aparece a tentação do desânimo e da volta ao regime anterior. De fato, a água é elemento essencial para a sobrevivência do povo. Como não reclamar numa situação dessas?

O povo põe-se na dependência da liderança. Jogam as dificuldades aos pés de Moisés e o condenam por tirá-los do Egito. Moisés poderia argumentar que ninguém os obrigou a sair de lá. Porém não os condena e dirige-se a Deus para expor-lhe o problema que os aflige. Deus sempre ouve a oração quando acompanhada do empenho pelo bem comum. Junto com as demais lideranças (os anciãos), Moisés testemunha a ação gratuita de Deus em favor dos que murmuram. Estes estão em processo de aprendizagem. Ao chegarem à terra prometida, organizados em tribos, saberão organizar uma sociedade nova de forma participativa e administrá-la de forma corresponsável.

A vida itinerante caracteriza-se por inseguranças, perigos, cansaços... A formação do povo de Israel deu-se num processo de caminhada, de tensões entre grupos e de descoberta de princípios orientadores para uma convivência pacífica. A utopia da terra prometida conservou-lhe a resistência e o ânimo para caminhar. Isso seria impossível sem a fé na providência divina.

A rocha representa a impossibilidade radical do ser humano de encontrar, por si só, saídas para suas crises e problemas de toda ordem. É a ilusão de achar que tudo se pode solucionar com os recursos inventados pela

lógica humana. Porém, somente a fé em Deus possibilita as verdadeiras soluções que garantem vida para todos os povos. Somente a certeza de sua presença viva faz com que a história humana se torne história de libertação. Deus é fonte de vida. É generosamente providente: oferece gratuitamente todos os recursos necessários à vida de seus filhos e filhas.

2. II leitura (Rm 5,1-2.5-8): A nova condição humana

Paulo, nos capítulos anteriores ao texto da liturgia deste domingo, procurou convencer os judeus de que a justificação se dá pela fé, sem a necessidade das obras da Lei. Percebe-se que, mesmo no interior da comunidade cristã, há pessoas de origem judaica, apegadas à tradição legalista, com dificuldades de aceitar a doutrina da graça divina.

A partir do capítulo 5, vemos Paulo debruçado sobre os traços que caracterizam uma pessoa que, pela fé em Jesus Cristo salvador, passou a ser nova criatura. Ele parte da certeza de que fomos justificados pela fé, de forma definitiva. Aceitar essa verdade é entrar numa nova condição humana conferida pela graça de Deus. O primeiro efeito desta é a paz com Deus. Podemos viver agora permanentemente sob abundantes bênçãos divinas. É um estado de bem-estar e alegria. A graça nos confere inteireza pessoal e capacidade de relacionamento fraterno com o próximo.

A paz que provém da fé e é graça de Deus, concedida plenamente em Jesus Cristo, também nos liberta do medo da condenação. Aproxima-nos de Deus de tal modo que podemos amá-lo e glorificá-lo em tudo o que somos e fazemos. Portanto, o estado de graça nos conserva na harmonia com nós mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus. O ser humano, assim, está revestido de imortalidade já nesta vida mortal.

O pecado já não tem poder sobre a graça. A inimizade com Deus foi definitivamente derrubada pela reconciliação que Jesus, pela



sua morte, trouxe à humanidade pecadora. Essa regeneração do gênero humano o torna capaz de viver na vontade divina, na certeza da realização plena. Vive-se, então, na esperança que não decepçiona. Ela firma nossos passos e não nos deixa na confusão, nem na dispersão, nem na timidez, nem no desapontamento. Ela se alicerça na certeza do amor sem limites de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, e não por meritocracia. Tanto judeus como gentios recebem o dom da reconciliação e da paz. O amor de Deus derramado sobre todos os povos é força ativa, capaz de mudar o mundo.

3. Evangelho (Jo 4,5-42): Jesus, a água viva

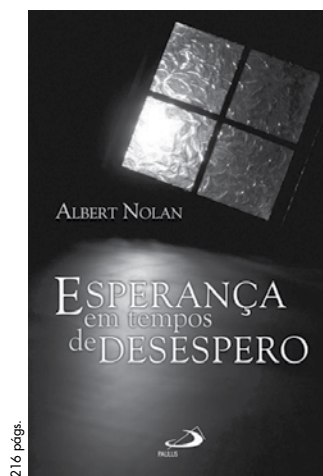
Como sabemos, os samaritanos eram inimigos históricos dos judeus. Eram um povo de raça mista que possuía outra concepção religiosa. Para um judeu, ser chamado de “samaritano” era enorme ofensa. A origem dessa hostilidade remonta ao tempo da invasão assíria no Reino do Norte, em 722 a.C., quando a cidade de Samaria foi destruída e boa parte da população, deportada. A região foi povoada por colonos assírios que se casaram com hebreus. Mais tarde, no período pós-exílico, o sistema religioso do templo de Jerusalém excluiu os samaritanos.

Jesus passa pela região de Samaria, na cidade de Sicar (antiga Siquém), onde fora enterrado Josué, o sucessor de Moisés. Jesus está fatigado e senta-se à beira do poço que era do patriarca Jacó. Na tradição judaica, o poço representa a garantia da água oferecida por Deus ao povo, como a água jorrada da rocha durante o êxodo. O poço é figura do culto e da Lei judaica, cuja autoria era atribuída a Moisés. Da observância da Lei e do culto brotava a água viva da Sabedoria. A ideia dominante era que o poço da água viva era o próprio templo de Jerusalém.

Jesus está em caminhada. Chega ao local do poço à “sexta hora”, o que corresponde ao

Esperança em tempos de desespero Outras palestras e escritos

Albert Nolan



Nestes escritos, Albert Nolan delinea as bases de uma teologia e espiritualidade que se posicionam a favor dos pobres e da causa da justiça. Muitos desses textos foram produzidos durante a longa luta contra o sistema do apartheid da África do Sul. Mas esta obra transcende a situação do país africano para dirigir-se a todos os cristãos que vivem em um mundo marcado pela desigualdade, violência e exploração. O autor não aborda apenas o tema da resistência, mas nos desafia a assumir a espiritualidade de Jesus.

Imagem meramente ilustrativa.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





meio-dia. É a mesma hora em que Jesus vai ser condenado à morte (19,14). É o final de sua caminhada. Com sua morte, Jesus se torna o Caminho para todos os que o seguem. Jesus, ao sentar-se no poço, está na verdade revelando que ele mesmo é o poço da água viva. Toma o lugar da Lei, do culto, do templo... João vai dizer que Jesus, ao morrer, vai ser traspassado por uma lança e do seu lado sairão sangue e água (19,34).

A mulher representa o povo samaritano com sua tradição religiosa. Os seus “cinco maridos” são uma referência aos cinco deuses cultuados pelos antepassados (cf. 2Rs 17,29-32). Jesus oferece à mulher o verdadeiro culto, que é ele próprio. De fato, quem toma a iniciativa do diálogo é o próprio Jesus, que pede água. Corresponde à atitude do próprio Deus da aliança, que sempre busca o seu povo, apesar de suas infidelidades. A samaritana (o povo impuro e marginalizado), não os líderes religiosos de Jerusalém, reconhece Jesus como o Messias, fonte de onde jorra água para a vida eterna.

A grande novidade de Jesus é a proposta de total mudança de mentalidade com relação a Deus: ele o chama de Pai. E, como Pai de todos, não necessita de determinado lugar para ser cultuado: nem na Samaria, nem em Jerusalém. A mudança de mentalidade também significa entrar numa nova relação com o próximo, a qual derrubará as barreiras entre judeus e samaritanos. Ambos os povos poderão adorar a Deus já não com rituais fixados pela rigidez legalista, mas “em espírito e verdade”.

Sendo Deus a fonte de todo amor e de toda vida, Pai de todos os povos, deseja ser adorado de modo verdadeiro em todos os lugares. Ele busca pessoas que o adorem com lealdade. Jesus, o Filho, viveu o amor desta maneira: na fidelidade ao Pai, deixou-se conduzir pelo Espírito da Verdade. Do coração de todos os que seguem Jesus brotam rios de água viva, pois saberão amar como ele amou.

III. Pistas para reflexão

— *Deus liberta o povo da escravidão do Egito.* Caminha com ele pelo deserto. Mesmo quando o povo se queixa e duvida da presença de Deus, este não o condena nem o abandona. Ouve a oração de Moisés e das outras lideranças e faz nascer água da rocha. Sacia a sede do povo para que este não desanime na caminhada para a terra prometida. Essa caminhada de quarenta anos é lembrada pela Igreja, de modo especial, neste tempo da Quaresma. É preciso caminhar com perseverança, confiando na presença de Deus. Ele ouve nossas preces, perdoa-nos e nos acompanha na caminhada de nossa vida. É tempo de superar os queixumes e arregaçar as mangas para que a terra que Deus nos deu seja realmente a casa de todos, sem que ninguém seja escravizado, vendido como mercadoria ou explorado.

— Jesus tomou a iniciativa de ir ao encontro dos samaritanos, inimigos dos judeus. Estabelece um diálogo com a mulher, representante do povo da região da Samaria. Do diálogo nasce a mútua compreensão. Por meio do diálogo, Jesus se revela: ele é a fonte de água viva. Para manter a intimidade com Jesus, bebemos de sua palavra e nos alimentamos de seu corpo na eucaristia. Além de nos saciar, tornamo-nos fonte de água viva. Como fez a samaritana, tornamo-nos discípulos missionários, portadores da boa notícia da salvação de Deus para todos.

— Uma vez reconciliados com Deus, é impossível não irradiar seu amor. Assim fez são Paulo, a ponto de entregar-se totalmente como ministro da reconciliação. Muitos caminhos que o mundo moderno nos oferece dificultam a compreensão e a acolhida da graça divina e a paz entre pessoas e povos. Vivemos dispersos, divididos, confusos, inseguros, apegados aos bens materiais, à fama, ao que nos satisfaz momentaneamente... Somente a paz que vem do amor de Deus é capaz de construir a família humana e nos rea-



lizar verdadeiramente. Para isso, precisamos resgatar o valor do silêncio, da meditação da palavra de Deus, da oração pessoal, familiar e comunitária, da contemplação, do cuidado e da promoção dos direitos comuns.

4º Domingo da Quaresma
26 de março

A luz que vem de Deus

I. Introdução geral

Os textos bíblicos deste domingo refletem sobre a luz divina que se manifesta na história humana. Deus se revela ao mundo de modo original e surpreendente. É soberano em suas decisões e não se deixa levar pelas aparências. Nas pessoas pobres e frágeis, ele manifesta a grandeza de seu amor. Escolhe Davi, um humilde pastor, para governar o seu povo com justiça (I leitura). Deus envia seu Filho ao mundo como expressão máxima de sua bondade. Jesus solidariza-se com as pessoas necessitadas e oferece-lhes vida saudável e íntegra: cura a cegueira, liberta o ser humano de toda espécie de opressão e ilumina o caminho dos que se encontram desorientados (evangelho). O texto da carta aos Efésios incentiva a comunidade cristã a viver como filhos da luz, renunciando às obras próprias das trevas e praticando cotidianamente a bondade, a justiça e a verdade (II leitura). Deus é luz. Portanto, quem vive em Deus se torna uma pessoa iluminada: é autêntica e livre, pois nada tem a esconder ou do que se envergonhar.

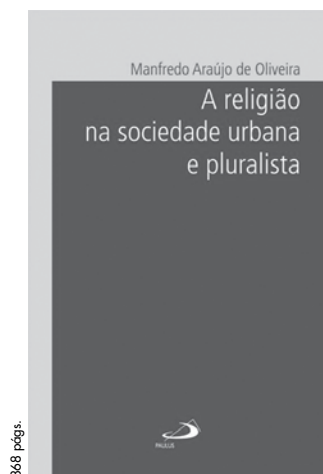
II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (1Sm 16,1b.6-7.10-13a): Deus não leva em conta as aparências

Na tradição bíblica, Davi é um dos personagens mais lembrados pelo povo. Ao redor

A religião na sociedade urbana e pluralista

Manfredo Araújo de Oliveira



Os intérpretes de nosso tempo têm muitas discordâncias a respeito da determinação do lugar ocupado ou a ser ocupado pelo fenômeno religioso no novo contexto de uma sociedade fundamentalmente urbana e pluralista, autônoma em relação à tutela do religioso, alicerçada numa racionalidade técnico-científica e marcada por inúmeras crises. Uma coisa, contudo, parece deter grande aprovação: a afirmação de que a análise do fenômeno religioso é um elemento imprescindível para uma compreensão adequada das sociedades da modernidade tardia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de seu nome criou-se verdadeiro movimento. É a figura do governante “segundo o coração de Deus”, rei que segue a justiça e não despreza os pobres. A primeira leitura deste quarto domingo da Quaresma narra a eleição de Davi.

Samuel foi um dos últimos juizes de Israel. Viveu a fase conflituosa de transição entre o tribalismo e a monarquia. É um homem de Deus. Sofre muito quando o povo pede a mudança de regime (cf. 1Sm 8). Conforme o mandato divino, busca reconhecer, entre vários irmãos, qual seria o escolhido para governar o povo. Após analisar os sete filhos de Jessé, Samuel declara que nenhum deles havia sido chamado por Deus. O menor deles, ausente por estar cuidando do rebanho, é o eleito. A unção é o meio pelo qual se confere uma missão sagrada. É significativa a transmissão do cargo realizada por Samuel. Tendo a função de juiz de Israel, transmite a Davi o que ele próprio considera ser a vontade divina. O governo deve ser realizado sob a autoridade de Deus.

A eleição de Davi é uma narrativa popular que transmite importante conteúdo teológico e sociológico. Deus não se deixa conduzir pelas aparências. Ele conhece o coração de cada pessoa e, por isso, chama os que se encontram em último lugar para realizar o seu plano na história. Como dirá Jesus: “Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (Mt 19,30). Sociologicamente, é um texto de denúncia ao poder monárquico e de valorização dos caminhos alternativos que emergem com a mobilização dos pequenos e marginalizados.

2. II leitura (Ef 5,8-14): Viver como filhos da luz

São Paulo, em seus escritos, dedica-se de modo muito especial à tarefa de aprofundar a vida nova que provém da fé em Jesus Cristo. O texto da carta aos Efésios é reflexo dessa teologia paulina. Demonstra a preocupação de manter a comunidade cristã no caminho

do amor, “do mesmo modo como Cristo amou e se entregou por nós a Deus” (5,1).

Existem dois caminhos: o das trevas e o da luz. O caminho das trevas era bem conhecido pelos cristãos de Éfeso. Pelo que se constata ao ler o texto, muitos deles, antes de sua adesão a Jesus Cristo, experimentaram um modo de viver alicerçado no egoísmo, na avareza, na fornicção e em outras coisas vergonhosas que expressam uma vida nas “trevas”.

O caminho da luz se manifesta por uma vida em Cristo. Ele não só andou como filho da luz, mas revelou-se a Luz verdadeira. Ele não somente assumiu atitudes de amor, mas é a essência do amor. A pessoa unida a ele também é filha da luz: sabe discernir “o que é agradável ao Senhor” e produz “frutos de bondade, justiça e verdade”. Quem se decide a seguir Jesus não só rompe com as “obras infrutuosas das trevas”, como também exerce a função profética de denúncia dessas obras. O que é mau e feito às ocultas deve ser trazido à luz, a fim de que se torne manifesto ao público e seja corrigido para o bem de todos. Quem segue Jesus jamais pode ser cúmplice da maldade, da corrupção, da mentira...

Jesus nos fez participantes da sua própria natureza divina. Portanto, tal como viveu Jesus — a Luz de Deus no mundo —, também nós temos a graça de viver de tal modo, que a luz divina brilhe no mundo por meio da inteireza do ser e da retidão do agir.

3. Evangelho (Jo 9,1-41): Jesus é a luz do mundo

O Evangelho de João aprofunda a identidade de Jesus narrando sete sinais. Um deles é a cura de um cego de nascença. Esse sinal reflete o debate existente nas comunidades joaninas entre os cristãos e o grupo de judeus apegados ao legalismo religioso. Conforme podemos perceber no texto, a cegueira era considerada um castigo divino, seja pelos pecados da pessoa, seja pelos de seus antepassados. Um dos agravantes muito sérios para o



cego era o seu impedimento de ler a Sagrada Escritura e estudar a Lei, sendo, por isso, considerado um ignorante da vontade de Deus.

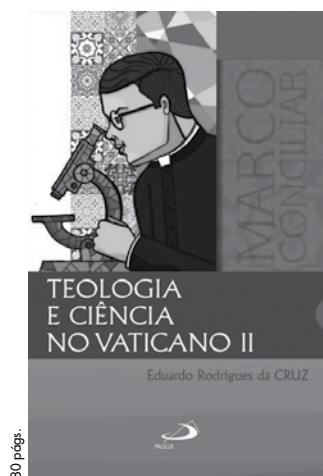
Segundo o mesmo Evangelho de João, Jesus veio “para que todos tenham vida, e vida em abundância” (10,10). Sua prática não está atrelada à ideologia da pureza dos líderes religiosos judaicos. Ele conhece suas intenções e seus interesses: “São cegos guiando outros cegos” (Mt 15,14). Diante da pergunta sobre “quem pecou”, Jesus procura “abrir os olhos” dos próprios discípulos, pois também eles estão contaminados com a ideologia dos doutores da Lei. Em vez de achar um culpado, Jesus põe a situação da cegueira em relação direta com o plano de Deus, que resgata a dignidade do ser humano. As “obras de Deus” são realizadas agora por Jesus, a Luz do mundo. Acontece em Jesus o que foi anunciado pelo profeta Isaías, quando este se referiu ao “Servo de Javé” como “luz das nações” (Is 49,6).

Jesus, em caminhada, vê o cego de nascença e toma a iniciativa de curá-lo. Ele o faz por meio da junção de dois elementos: a terra e a saliva. Formam o barro, que lembra a criação do ser humano, conforme descreve o livro do Gênesis: “Deus modelou o homem do barro” (2,7). A ação de Jesus visa recriar a pessoa, oferecendo-lhe nova vida. Conforme o pensamento da época, a saliva transmite a energia vital da pessoa. Portanto, a energia divina de Jesus possibilita a cura.

A graça divina, porém, não exclui o empenho humano. A cura e a libertação que Deus oferece não se dão de modo mágico. O cego deverá seguir a palavra de Jesus e lavar-se na piscina de Siloé, que significa “Enviado”. É convidado a aceitar livremente a luz que Jesus lhe oferece. Seguir o caminho apontado por Jesus significa entrar no processo de conquista de liberdade e autonomia. De fato, o cego recuperará a visão e também a capacidade de pronunciar livremente as próprias palavras, já não oprimido pelo lega-

Teologia e Ciência no Vaticano II

Eduardo Rodrigues da Cruz



Se há algo que tem tido pouca atenção da produção acadêmica e do interesse dos leitores, quando o assunto é o Concílio Vaticano II, é a interpretação que os documentos conciliares dão das ciências naturais. O propósito da presente obra é justamente mostrar a importância desse tema, dada a presença e o impacto da ciência e da tecnologia em nossas vidas. Este livro apresenta desenvolvimentos recentes do magistério, onde se destaca a progressiva aceitação do que as ciências naturais apresentam no que têm de melhor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





lismo dos fariseus e também já não dependente de seus pais, representativos da tradição que buscava “segurar” sob sua guarda os filhos de Israel. A conquista da visão verdadeira passa por processos de conflitos e crises, pois mexe com as concepções dominantes. Uma pessoa livre, conduzida por profundas convicções, torna-se ameaça para o poder constituído, pois este procura impor “obrigações”, mantendo a consciência do povo alienada.

O cego de nascença, junto com a recuperação da vista, recebe de Jesus o dom da fé e torna-se seu discípulo. No relato de sua cura aparece, várias vezes, o verbo “nascer”. Demonstra íntima ligação com o episódio do encontro de Nicodemos com Jesus, que lhe indica o caminho do “novo nascimento”. Podemos, então, discernir em que consiste a recuperação da verdadeira visão: é renascer, pela fé, acolhendo a Jesus e deixando-se conduzir pela sua palavra: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). A tradição cristã vai interpretar o ato de lavar-se na piscina de Siloé como o símbolo da regeneração cristã pelo batismo.

III. Pistas para reflexão

— *Viver na luz de Deus é o tema central das leituras deste domingo.* Pelo relato da eleição de Davi, conforme o primeiro livro de Samuel, Deus chama as pessoas não com base nas aparências. Ele não segue o padrão dominante da sociedade. A unção de Davi aponta para o nosso batismo. Fomos ungidos: revestidos de Cristo. Fomos eleitos por Deus, que concede a cada um de nós uma missão segundo os diferentes dons. Deus quis contar com Davi para que assumisse a missão de servir ao povo como um governante justo. É uma indicação muito importante para quem assume cargos de responsabilidade social. Deus conta conosco para levar adiante o seu plano de

amor e justiça no mundo. Ele é a Luz que brilha nas trevas. A salvação que ele oferece à humanidade depende da resposta que damos ao seu chamado.

— *Jesus é a Luz do mundo.* Caminhou neste mundo fazendo o bem, curando as pessoas e dissipando as trevas. A cura do cego de nascença vai além do sentido físico. É libertação das influências das ideologias dominantes. Somos cegos quando entramos no jogo da ambição de poder e deixamos de servir humildemente o próximo; quando nos consideramos superiores aos outros e quebramos a fraternidade; quando acumulamos para nós mesmos o que Deus ofereceu para a vida de todos... Jesus curou o cego misturando a sua saliva com a terra. A terra que Deus nos deu é sagrada, manifesta a sua bondade, oferece recursos para uma vida saudável.

— *Viver como filhos da luz.* Deus nos concede a liberdade de escolha: caminhar na luz ou nas trevas. São bem conhecidas as obras das trevas: corrupção, mentira, violência, hedonismo e tudo o que prejudica o ser humano e a natureza. É tempo de revisão de vida e de conversão: Deus nos oferece a oportunidade de sair das trevas para a luz. O discípulo missionário de Jesus escolhe o caminho da verdade, da justiça e da bondade; assume o risco de ser autêntico e se empenha na construção de outro mundo possível.

5º Domingo da Quaresma
2 de abril

O Espírito de ressurreição e vida

I. Introdução geral

Deus se revela por meio da palavra profética. Na primeira leitura, Ezequiel anuncia vida nova para os que se encontram sem esperança, no túmulo do exílio da Babilônia.



Deus ama prioritariamente o povo em situação de sofrimento. Está junto aos exilados e promete-lhes a volta à terra de Israel, devolvendo-lhes a liberdade. O dom do Espírito de Deus revigora o coração do povo e lhe suscita vida (I leitura). A revelação plena de Deus se dá na pessoa de seu Filho, Jesus. Ele é o caminho da vida por excelência. Pelo relato da ressurreição de Lázaro, a comunidade cristã afirma que Jesus é a ressurreição. Quem vive e crê nele jamais morrerá (evangelho). Deus se revela também por meio do testemunho dos seguidores de Jesus, como o de Paulo. Escrevendo aos romanos, orienta-os para uma vida nova proveniente da fé em Jesus Cristo. É a vida no Espírito. Ele habita em cada pessoa e suscita vida aos corpos mortais (II leitura). Os três textos enfatizam a vitória da vida sobre a morte como dom de Deus. O seu Espírito nos faz novas criaturas: transforma, reanima, fortalece, ressuscita...

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ez 37,12-14):

Porei o meu Espírito em vós

Na tradição judaico-cristã, profecia é tempo de graça: tempo que se faz pleno porque Deus se comunica e interpela seu povo, recordando a sua aliança e demonstrando o seu amor. Ezequiel profetizou junto aos exilados na Babilônia ao redor do ano 580 a.C. O povo encontra-se mergulhado em profunda crise. Está longe da terra que Deus lhe concedeu conforme a promessa feita a Abraão. Sente-se abandonado por Deus e sem esperanças de futuro. A situação realmente parece desesperadora. Nesse pequeno texto, aparece três vezes a palavra “túmulos”. Deus, porém, não se conforma com a morte de ninguém. Por isso, suscita o profeta Ezequiel para anunciar novo tempo: vai infundir nos exilados o seu Espírito, que lhes dará força e coragem para se reerguerem das cinzas.

Em nome de Deus, Ezequiel anuncia um

O futuro da fé

Harvey Cox



Que configuração a fé cristã deverá assumir no século XXI? Em meio ao ritmo acelerado das mudanças globais e diante de um aparente ressurgimento do fundamentalismo, o Cristianismo ainda poderá sobreviver como uma fé viva e fecunda? Com seu estilo rico e acuidade acadêmica, Cox explora essas e outras questões, num livro que é, ao mesmo tempo, autobiográfico, comentário teológico e história da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





novo êxodo. No primeiro êxodo, Deus libertou o seu povo da escravidão do Egito e lhe deu a terra prometida. Deus também vai livrá-los do domínio da Babilônia, e serão reintroduzidos na terra de Israel. O jugo estrangeiro será quebrado, e o povo disperso (parecendo ossos secos espalhados num vale) poderá voltar a se reunir em sua própria terra, onde habitará com segurança. Isso acontecerá pela intervenção gratuita de Deus. Ele desperta para a vida os que se encontram em situação de morte. Faz sair os esqueletos dos seus túmulos. Reanima os “cadáveres ambulantes”. O seu Espírito penetra nos corpos sem vida. O povo disperso e abandonado toma consciência de que é amado por Deus e, por isso, descobre-se como capaz de mobilizar-se para a reconquista da terra de liberdade.

2. II leitura (Rm 8,8-11): Vida nova no Espírito Santo

Viver no Espírito de Cristo é o que propõe São Paulo aos romanos. Somente no capítulo 8, aparece mais de 20 vezes a palavra “espírito”. A vida no Espírito Santo contrapõe-se à vida segundo a carne, ou seja, aos instintos egoístas. Toda pessoa carrega dentro de si essas duas tendências, que lutam entre si permanentemente. Aquelas que foram regeneradas em Jesus Cristo estão mergulhadas em seu Espírito. Por isso, possuem a luz e a força do próprio Jesus, que realizou a vontade de Deus e redimiu a humanidade. Ele nos justificou pela graça e nos tornou novas criaturas, participantes de sua natureza divina.

Estar com o Espírito de Cristo, porém, não significa anulação da tendência para o pecado. A tensão à santidade deve ser permanente. É uma questão de opção fundamental pelo mesmo modo de pensar e de agir de Jesus. Ele mesmo advertiu que “ninguém pode servir a dois senhores”. Paulo lembra que os cristãos não podem viver segundo a carne e segundo o Espírito ao mesmo tempo. Não se pode viver na liberdade e na escravidão ao mesmo tempo.

Na carta aos Gálatas, Paulo escreve: “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou” (5,1). Ele nos libertou da escravidão do pecado por pura graça. Portanto, somente na graça de Jesus Cristo vivemos a autêntica liberdade. Somente no Espírito de Jesus nos libertamos da escravidão das obras dos instintos egoístas. E, para não haver dúvidas sobre os dois caminhos que se opõem entre si, Paulo fala a respeito das obras que caracterizam cada um deles. “As obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas... Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,19-23).

Uma vez que aderimos, pela fé, a Jesus Cristo, a ele pertencemos e seu Espírito habita em nós. Esse Espírito é o agente das obras que agradam a Deus. Podemos, então, contar com a plenitude de sua graça. Assim, morremos para as obras do egoísmo e permanecemos na vida. Pois o mesmo “Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dá a vida aos nossos corpos mortais”. Temos a graça de viver desde agora a vida eterna, pois em Cristo fomos divinizados.

3. Evangelho (Jo 11,1-45): Jesus é a ressurreição e a vida

A narrativa da ressurreição de Lázaro corresponde ao último dos sete sinais de libertação realizados por Jesus no Evangelho de João. Os relatos dos sete sinais procuram levar os cristãos a refletir sobre o sentido profundo dos fatos da vida humana: a falta de vinho numa festa de casamento (2,1-12), a doença do filho de um funcionário real (4,46-54), o paralítico à beira da piscina de Betesda (5,1-18), a fome do povo (6,1-15), o barco dos discípulos ameaçado pelas águas do mar (6,16-21), o cego de nascença (9,1-41) e, finalmente, a morte de Lázaro. Todos eles vi-



sam apresentar Jesus como o Messias que veio para resgatar a vida plena para os seres humanos. Em cada sinal, percebe-se um propósito pedagógico: a representação de um caminho novo apontado por Jesus para derubar todas as barreiras que impedem a pessoa de realizar-se plenamente.

Jesus é o “Bom Pastor” que dá a vida por suas ovelhas (cf. 10,11). Ele é o verdadeiro caminho para a vida com dignidade e liberdade, vencendo as causas de todos os males. Vence a própria morte: é a vida definitiva. Somente os que creem em Jesus, com convicção, compreendem e acolhem essa verdade. Portanto, a finalidade principal dos sinais é levar os discípulos à fé autêntica. Ao informar que Lázaro havia morrido e, por isso, iria ao seu encontro, Jesus diz aos discípulos: “É para que vocês creiam” (11,15). Também lemos no final do evangelho: “Jesus fez ainda muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham a vida em seu nome” (20,30-31).

As personagens que aparecem no relato — Marta, Maria e os judeus — refletem diferentes concepções a respeito de Jesus. Primeiramente, podemos observar o comportamento de Marta. Sabendo que Jesus chegara a Betânia, “saiu ao seu encontro” e a ele se dirigiu, chamando-o pelos títulos cristológicos de “Senhor” e “Filho de Deus”. Diante da promessa da ressurreição, declara-lhe convictamente sua fé: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. E vai anunciar à sua irmã Maria, que, por sua vez, imediatamente segue ao encontro de Jesus, mas não consegue declarar a fé nele como fez Marta. Está ainda angustiada e paralisada diante da realidade da morte. Já os judeus apenas seguem Maria, sem ter consciência de ir ao encontro de Jesus nem muito menos fazer-lhe alguma confissão de fé.

Origens do Cristianismo

Eduardo Hoornaert



Este livro não trata de teologia nem de espiritualidade, mas de história e análise literária. Pretende ajudar na leitura de escritos antigos da tradição de Jesus, desde os primeiros, elaborados por Paulo, Marcos, Mateus, Lucas e João, até alguns posteriores, redigidos entre os séculos II e V, como os de Marcião, Orígenes e Agostinho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





São três modos de comportar-se diante de Jesus. O comportamento de Marta é o retrato das pessoas que têm fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, Salvador da humanidade. Para os que acreditam nele, a ressurreição é uma realidade não apenas para o futuro, mas para o presente. Toda atitude em favor da vida é sinal de ressurreição e gesto de glorificação a Deus, criador e libertador.

Os autores do evangelho fazem questão de mostrar o rosto humano de Jesus. Ele participa da dor das pessoas que sofrem, comove-se e chora. Sua comoção, porém, pode ser traduzida como impaciência com a falta de fé tanto de Maria como dos judeus. E, para além das lamentações, Jesus reza ao Pai para que, diante desse sinal definitivo da ressurreição, “eles acreditem” nele como enviado de Deus.

Lázaro (cujo nome significa “Deus ajuda”) está enterrado há quatro dias. O “quarto dia” refere-se ao tempo depois da morte de Jesus; é o tempo das comunidades que creem em Jesus morto e ressuscitado. Portanto, é o tempo da graça por excelência, que deve ser vivido de forma totalmente nova. Lázaro e as comunidades cristãs são chamados a sair dos túmulos do medo, da acomodação, do egoísmo e da tristeza; são chamados a “desatar-se” das amarras dos sistemas que oprimem e matam. As pessoas de fé autêntica, seguidoras de Jesus, são verdadeiramente livres. O “quarto dia” é o tempo da ressurreição, dom de Deus.

III. Pistas para reflexão

— *O Espírito de Deus move a história.* Como foi revelado ao profeta Ezequiel, não há situação que não interesse a Deus. Ele intervém na história humana para transformá-la em história da salvação. Concede seu Espírito para libertar o ser humano de toda espécie de escravidão e conduzi-lo à liberdade. O Espírito de Deus nos faz sair dos “túmulos” da desesperança, do medo, da acomodação... Deus não se conforma com o abandono e a morte de ninguém. Ele é o Deus da vida em

plenitude. As crises e dificuldades de nosso tempo são desafios que podem ser enfrentados como fez o povo exilado na Babilônia: na confiança em Deus e na esperança ativa.

— *Jesus é a fonte da verdadeira vida.* Como “Bom Pastor”, ele se interessa pelas necessidades de todos nós. Oferece sua amizade e sua companhia permanente. Conta conosco para continuar sua obra. Os sinais que ele realizou são indicativos para a missão das comunidades cristãs. A ressurreição de Lázaro aponta para o novo modo de ser Igreja, organizada de forma participativa e corresponsável. Uma Igreja composta de pessoas redimidas pela graça, ressuscitadas em Cristo. Cada um de nós é chamado a declarar sua fé de modo prático, na certeza de que o bem pode vencer o mal e de que a morte não tem a última palavra.

— *O Espírito de Cristo mora em nós.* Cabe a cada pessoa viver de tal modo que esteja permanentemente na comunhão com Jesus Cristo. Se nos deixarmos conduzir pelo Espírito de Jesus que habita em nós, realizamos as obras que agradam a Deus. Morremos para o egoísmo e ressuscitamos no amor. Nosso corpo mortal recebe a graça da imortalidade. Se, porventura, quebramos essa unidade, Deus nos concede a graça da reconciliação. Eis a Quaresma, tempo de conversão, tempo de salvação.

Domingo de Ramos
9 de abril

A missão do servo sofredor

I. Introdução geral

O domingo de Ramos marca o início da Semana Santa. O conteúdo das leituras bíblicas deste domingo diz respeito à missão do Servo sofredor. Contra todo triunfalismo,



Deus age na história, revelando seu plano de amor por meio das vítimas do poder. O movimento profético do Segundo Isaías, em pleno exílio da Babilônia, caracteriza os exilados como o “Servo sofredor”, amado por Deus. Especialmente nos quatro cânticos do Servo, o povo sofredor é retratado como “veículo” da bondade salvadora de Deus. No terceiro cântico, texto deste domingo, o povo quebrantado já não opõe resistência à voz de Deus; torna-se seu discípulo, assume o caminho da não violência e confia no socorro do Senhor (I leitura). A comunidade cristã contempla Jesus como o Servo sofredor, que, assumindo a perseguição, a condenação, a paixão e a morte que lhe impõem os seus inimigos, revela a plenitude de seu amor pela humanidade em total confiança no socorro de Deus Pai (evangelho). Jesus “se despojou de sua condição divina, tomando a forma de escravo... Abaixou-se e foi obediente até a morte sobre uma cruz” (II leitura). A celebração do domingo de Ramos constitui momento propício para manifestar gratidão a Deus pelo seu amor sem limites e para refletir sobre nossa responsabilidade no mundo de hoje de nos empenharmos, a exemplo de Jesus, pela causa da vida de todos, conforme refletimos ao longo desta Quaresma.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 50,4-7): O Servo sofredor, discípulo de Deus

O movimento profético do Segundo Isaías surtiu efeito junto ao povo oprimido no exílio da Babilônia. Sua atuação se deu nos últimos anos do exílio, ao redor de 550 a.C. Após um período de prostração e desesperança, o povo vai recuperando o ânimo, especialmente com a perspectiva da volta para a terra prometida. Os quatro cânticos do Servo sofredor refletem o rosto dos exilados em seu processo de construção da esperança. Nessa caminhada,

O Vaticano II e a política

Carlos Signorelli



120 págs.

Será apenas com o Concílio Vaticano II que a Igreja vai olhar o mundo e a sociedade contemporânea, a mesma modernidade, com olhares mais positivos. E vários documentos desse evento, principalmente a *Gaudium et Spes*, vão dar uma palavra de incentivo àqueles e àqueles que se internam no mundo da política, pois começam a olhar o processo político da modernidade com olhares benéficos: “ir para a política” não é mais um desejo de alguns; ao contrário, é um chamado do Espírito.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Deus manifesta sua presença amiga e consoladora.

O texto de hoje corresponde aos primeiros versículos do terceiro canto do Servo sofredor. São palavras portadoras de muita fé e confiança em Deus. O Servo revela sua disposição de ouvir os apelos divinos e demonstra ter consciência da missão especial que Deus lhe dá. É a imagem do povo que não se sente abandonado, mas protegido e conduzido pelo Senhor. Essa certeza o leva a manter a cabeça erguida, resistir e perseverar mesmo no meio da incompreensão, das injúrias e das agressões dos inimigos. Tem a profunda convicção do socorro que vem de Deus. Por isso, tem a postura própria das pessoas pacíficas, a ponto de oferecer as costas aos que batem e o rosto aos que arrancam a barba.

O povo sofredor, Servo de Deus, está firme e confiante; manifesta total autonomia perante os poderosos que o oprimem. Essa situação foi conquistada mediante a intervenção divina. Foi Deus quem abriu os ouvidos do seu Servo amado a fim de que pudesse ouvi-lo numa atitude de discípulo; foi Deus também quem lhe “deu a língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto”. As pessoas servas de Deus, tanto ontem como hoje, demonstram firmeza e determinação em profunda solidariedade com os abatidos e cansados. Elas assumem, na liberdade e na confiança, a missão de espalhar no meio do povo o fermento novo da justiça. Sua fidelidade à missão alicerça-se na escuta atenta e renovada da palavra de Deus “de manhã em manhã”.

2. II leitura (Fl 2,6-11): Jesus se fez Servo

Esse hino cristológico, que Paulo insere em sua carta aos Filipenses, é uma das primeiras formulações de fé das comunidades cristãs. Constitui um caminho essencial da espiritualidade cristã. O caminho, na verdade, é o próprio Jesus, que desceu livremente

até o ponto mais baixo, tornando-se o último. O rebaixamento (quênose) se dá em quatro degraus: de sua divindade assume a condição humana, torna-se escravo, sofre a morte e morte de cruz. Esvazia-se totalmente de qualquer dignidade; reduz-se a nada.

Esse processo de aniquilamento, que Jesus livremente aceitou, denuncia toda espécie de poder. Renunciou não somente à sua condição divina, mas também aos próprios direitos naturais de uma pessoa comum. Como escravo, perdeu todas as possibilidades de defender-se das acusações injustas e, por isso, foi condenado e morto como “maldito”. Desse ponto mais baixo possível, é elevado pelo Pai ao ponto mais alto. Por causa de sua obediência e humilhação até as últimas consequências, foi exaltado por Deus, recebendo “o nome que está acima de todo nome”.

O rebaixamento de Jesus revela sua solidariedade radical com os últimos da sociedade, com aquelas pessoas sem valor, desprezadas, excluídas e descartadas. Conduziu sua vida não para a realização de seus interesses próprios. Não veio em busca de honra e glória; veio, sim, como servidor voluntário das pessoas necessitadas. Esse Jesus que se fez escravo nos convida ao seu seguimento. É o nosso Mestre. Ele é Deus e Senhor de todas as coisas. A ele dobramos nossos joelhos e prestamos homenagem, juntamente com toda a criação.

3. Evangelho (Mt 26,14-27,66): Jesus, o Servo de Deus

Esse longo texto nos introduz no clima espiritual da Semana Santa, quando acompanhamos o processo de condenação e morte de Jesus. Ele é por excelência o Servo sofredor que, mesmo abandonado pelo seu grupo íntimo, incompreendido e ultrajado, permanece fiel à sua missão.

O processo envolve a traição de Judas, um dos doze. Ele negocia a entrega de Jesus por trinta moedas, o valor de um escravo naquela época. Apesar de Jesus conhecer a de-



cisão que Judas tomou, e sabendo também da tríplice negação de Pedro, não os exclui da ceia em que institui a eucaristia, sinal de sua presença viva nas comunidades e de sua plena doação pela vida do mundo. Judas vai arrepender-se de seu ato, mas não consegue superar o remorso. Prefere dar fim à vida. Diferente vai ser a atitude de Pedro, que, reconhecendo sua covardia, se arrepende e “chora amargamente”.

O relato ressalta a humanidade de Jesus em profundo sofrimento, no lugar do Getsêmani. Na sua total solidão, derrama sua alma diante do Pai, em quem pode confiar plenamente. Manifesta-lhe toda a sua fraqueza, pede-lhe socorro e dobra-se à vontade divina, mantendo-se firme na decisão de concluir sua tarefa com todas as consequências. Os discípulos, que deveriam vigiar com Jesus e apoiá-lo nessa hora de extrema dor, preferem abandonar-se ao sono.

Jesus passou a vida fazendo o bem, fiel à missão que recebera do Pai. Sua fidelidade confronta-se com os grupos de poder, concentrados na capital, Jerusalém. O grupo da elite religiosa pertencente ao Sinédrio mantinha seu poder à custa da exploração do povo empobrecido, legitimando suas posturas com interpretações interesseiras da Sagrada Escritura. Apesar de anunciarem a vinda do Messias, conforme as Escrituras, não podiam conceber que essa promessa se cumpriria na figura de alguém despojado de poder e solidário com os fracos e pequeninos. Não só isso: Jesus não adotou a mesma maneira dos rabinos de interpretar a palavra de Deus e toda a tradição de Israel. Seu lugar social era outro. E, por isso, era outro o modo de conceber as coisas. Enquanto a teologia oficial, com base no sistema de pureza, excluía da salvação as pessoas “impuras”, Jesus revela aos “impuros” o seu amor prioritário e oferece-lhes a salvação divina.

O Sinédrio, a instância religiosa judaica central para julgamento das pessoas suspei-

tas de crimes e de violações da Lei, procura achar um motivo convincente para condenar Jesus. Após muitos falsos depoimentos, apresentaram-se duas testemunhas (número mínimo necessário para a condenação de uma pessoa suspeita) que, também falsamente, depuseram contra Jesus, dizendo que ele pregava a destruição do Templo. Foi motivo suficiente: Jesus mexera com o que havia de mais sagrado. Era por meio do Templo que o Sinédrio alimentava o seu poder.

As autoridades judaicas, porém, não tinham o poder de condenar uma pessoa à morte. Por isso, Jesus é levado à instância política ligada ao Império Romano. Pilatos é o seu representante. Nada percebe em Jesus que possa condená-lo. Até sua mulher lhe manda dizer que, em sonho (considerado o meio pelo qual Deus se manifesta), lhe fora revelado que Jesus era uma pessoa justa. Enfim, o inocente Jesus, por pressão da elite judaica, vai ser condenado. Pilatos lava as mãos e, no lugar de Jesus, solta Barrabás, acusado de assassinato.

A partir daí, Jesus vai sofrer toda espécie de humilhação. É a figura de um escravo sem defesa, entregue às mãos dos zombadores. É desnudado, vestido com um manto vermelho, corado de espinhos, com um caniço na mão direita, e cuspidos no rosto; enquanto lhe batem na cabeça, é saudado como “rei dos judeus”, uma das acusações que o levarão à condenação. Simão Cireneu é requisitado para ajudar Jesus a carregar a cruz, pois este se encontra muito enfraquecido. Quando crucificado, lançam-lhe injúrias, pedindo-lhe que salve a si próprio, já que anunciou a destruição do Templo, outra acusação no seu julgamento.

Eis o Servo na cruz, considerado “maldito de Deus”, conforme declara o texto do Deuterônimo (21,23). Porém, em seu sofrimento e em sua morte, paradoxalmente, manifesta-se a total solidariedade com os sofredores e realiza-se a redenção da humanidade. O véu do Tem-



plo se rasga de cima a baixo: o Santo dos Santos fica exposto. A morte de Jesus “liberta” Deus, aprisionado pelo sistema religioso excludente. A morte de Jesus ressuscita os mortos. Sua morte resgata a vida de todos. Nessa mesma hora, é reconhecido pelo centurião e pelos guardas como “Filho de Deus”.

III. Pistas para reflexão

— *Deus chama o povo que sofre.* Ele demonstra sua presença amiga e lhe dá força e consolo. Garante-lhe a volta à terra da paz e da liberdade. É o que meditamos na primeira leitura. Deus conta com as pessoas que se sentem fracas e injustiçadas. Enche-as de confiança e firmeza. São suas servas na construção de um mundo novo. Para isso, dá-lhes ouvido e coração de discípulos. Alimenta-as diariamente com sua palavra. Como servos de Deus, mesmo no meio de dificuldades e sofrimentos, somos chamados a erguer a cabeça e encorajar os que estão abatidos e sem esperança. Deus nos sustenta com a Palavra e com a eucaristia na caminhada para uma nova terra.

— *Jesus é o Servo de Deus que se entrega para a vida do mundo.* O domingo de Ramos é o início da caminhada de Jesus em sua entrega total pela causa da vida plena de toda a humanidade. Entra em Jerusalém, aclamado pelo povo. É perseguido, aprisionado e condenado pelos que não aceitam a sua proposta de amor. Permanece firme como Servo de Deus e do povo. Sua fidelidade nos trouxe a salvação. Nesta Semana Santa, ao acompanharmos Jesus em seu caminho de sofrimento e morte, somos convidados a rever como estamos sendo fiéis à sua proposta. Ele nos preveniu: “Quem quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz e me siga”.

— *Jesus se fez o último para elevar a todos.* Com liberdade, escolheu a condição de Servo, denunciando toda forma de dominação. No mundo em que vivemos, alguns procuram concentrar o poder e os bens, rom-

pendo com os princípios da igualdade, da justiça e da fraternidade. Nós, como discípulos missionários do Senhor, recebemos a missão de denunciar todas as situações que prejudicam a vida e escolhemos o serviço mútuo como caminho de transformação do mundo.

Os Roteiros Homiléticos do Tríduo Pascal (Quinta-feira Santa; Sexta-feira Santa e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista: vidapastoral.com.br

Domingo da Páscoa

16 de abril

Testemunhas da ressurreição do Senhor

I. Introdução geral

A verdade da ressurreição mexe com a nossa vida, como aconteceu com as primeiras testemunhas. Tudo adquire um sentido novo. A alegria invade o nosso ser. A esperança se renova, baseada na certeza da vida em plenitude, dom de Deus! A fé na ressurreição imprime novo dinamismo em nossa caminhada terrena. A atitude de Maria Madalena nos inspira a partilhar as descobertas que prenunciam uma boa notícia. A sua atitude, bem como a de Pedro e a do discípulo amado, reflete as reações dos participantes das comunidades cristãs diante do fato da ressurreição (evangelho). Ao participar da comunidade de fé, experimentamos que Jesus está vivo. A ressurreição de Jesus é um fato histórico, com testemunhas oculares; faz parte essencial do credo cristão, conforme percebemos na catequese de Pedro junto à comunidade cristã reunida na casa de Cornélio, um centurião romano. A fé na ressurreição derruba barreiras que separam os povos e provoca novas relações baseadas no



amor fraterno (I leitura). Ela nos faz viver de um novo modo, já não voltados para interesses egoístas, mas para “as coisas do alto” (II leitura). A celebração da Páscoa do Senhor Jesus é oportunidade de nos deixarmos invadir pelo amor misericordioso de Deus e seguir a Jesus com entusiasmo.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 10,34a.37-43): O querigma cristão

O capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos constitui uma página de especial importância. Lucas (o mesmo autor do evangelho) revela uma de suas intenções fundamentais: a salvação trazida por Jesus Cristo é para todos os povos. Pedro, depois de um processo de relutância e discernimento, aceita o convite para entrar na casa de um pagão, centurião romano, chamado Cornélio. É a porta de entrada para o mundo dos gentios, missão que será assumida integralmente por Paulo.

É significativo o fato de ser Pedro aquele que primeiro rompe a barreira do judaísmo exclusivo para dialogar com os estrangeiros. É recebido por Cornélio com muita reverência. Lucas enfatiza a autoridade de Pedro, representante dos apóstolos. Quer fortalecer a fidelidade à tradição apostólica. A atitude de Pedro na casa de um romano legitima a abertura para todos os povos. Jesus é o Salvador universal.

Cornélio revela-se extremamente receptivo à pessoa e à mensagem de Pedro. De fato, a resistência ao anúncio do evangelho é perceptível muito mais entre os judeus do que entre os gentios. O próprio Pedro manifesta dificuldade em desvencilhar-se do exclusivismo judaico e da lei de pureza. Converte-se à medida que se insere no lugar social dos estrangeiros, a ponto de comer com eles. É na casa de Cornélio que ele se abre verdadeiramente para o plano divino

de salvação universal: “Dou-me conta de verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (10,34-35). O critério de pertença ao povo de Deus já não é a raça ou o cumprimento da Lei, e sim a prática da justiça. Por esse caminho, dá-se a inclusão de todos os povos, sob a ação do Espírito Santo. As comunidades cristãs primitivas concretizaram esse ideal. Formadas por pessoas de culturas diferentes, reuniam-se nas casas, ao redor da mesma mesa e unidas na mesma fé.

O discurso de Pedro constitui um resumo da catequese primitiva. É a síntese do querigma apostólico. Apresenta Jesus de Nazaré desde o seu batismo, passando pela sua missão de resgate da vida e dignidade de todas as pessoas, pela sua morte de cruz, culminando com a sua ressurreição. O anúncio de Pedro é fundamentado em seu próprio testemunho e no de várias outras pessoas: “Nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez” (v. 39); “Nós comemos e bebemos com ele, após sua ressurreição dentre os mortos” (v. 39). O discurso termina com a confissão de fé em Jesus como juiz dos vivos e dos mortos, constituído por Deus e anunciado pelos profetas. E finalmente: “Todo aquele que nele acreditar receberá a remissão dos pecados” (v. 43).

2. II leitura (Cl 3,1-4): Cristo é a nossa vida!

A comunidade cristã da cidade de Colossas, na Ásia Menor, manifestava certo distanciamento das verdades fundamentais da fé. Havia pessoas que, influenciadas por tendências da época (por exemplo, a importância dada às forças cósmicas, depositando nelas toda a confiança), observavam práticas religiosas, dietas e exercícios de ascese (2,16-23) levadas por “vãs e enganosas filosofias”. Havia também pessoas levadas pela “fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de



possuir” (v. 5). O autor da carta preocupa-se com essa situação e, por isso, escreve aos colossenses no intuito de orientá-los para uma vida coerente com a fé em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e as criaturas.

Nessa pequena leitura deste domingo da Páscoa, encontramos quatro pontos do que-rigma cristão que fundamentam a fé das primeiras comunidades: a morte de Jesus, sua ressurreição, sua exaltação à direita de Deus e sua volta. Cada um desses pontos é indicativo de atitudes que caracterizam o novo modo de viver dos cristãos.

A fé na morte de Jesus Cristo implica a morte de nossos maus comportamentos. Para os cristãos colossenses, implicava morrer para as práticas religiosas que contradiziam a fé cristã; implicava passar de uma mentalidade idolátrica para o mergulho na vida divina, seguindo a Jesus Cristo: “Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”.

A fé na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo implica discernir o que realmente edifica o ser humano em comunidade: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto...”. Quem permanece com o pensamento e o coração mergulhados em Deus vive dignamente.

A fé na volta de Jesus nos motiva a viver na esperança militante, com a certeza de estarmos com ele: “Quando Cristo, que é vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória”.

3. Evangelho (Jo 20,1-9): O dia da nova criação

O primeiro dia da semana indica um novo tempo. Tem ligação com o início da criação do mundo. A morte de Jesus significou a passagem das trevas para a luz que nunca mais se apagará. A fé na ressurreição, porém, não se processa da mesma maneira em todas as pessoas. Algumas precisam de um tempo maior para assimilar essa verdade

que tudo transforma. Maria Madalena recebe especial distinção: ainda no escuro, dirige-se ousadamente ao túmulo de Jesus. Apesar de ver a pedra removida, não consegue ainda perceber a luz do sol (Jesus, que ressuscitou) anunciando uma nova aurora. Perplexa, corre ao encontro de Simão Pedro e do discípulo que Jesus amava para dizer-lhes de sua preocupação com o que havia constatado. O seu anúncio provoca a movimentação dos dois discípulos na busca do verdadeiro sentido dos últimos acontecimentos.

Maria Madalena, nesse relato de João, é representativa da comunidade que não aceita permanecer acomodada. Busca ansiosamente a explicação do que realmente aconteceu naquele “primeiro dia da semana”. É atitude muito positiva, pois “quem busca encontra e quem procura acha”. Por isso, ela é especialmente valorizada. Jesus deixa-se encontrar. Impulsionada pelo amor, caminha na direção do Amado. O maravilhoso encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado se dá logo a seguir (20,11-18).

A comunidade cristã primitiva reconhecia-se no jeito de ser de Maria Madalena, de Pedro e do discípulo amado. Havia pessoas que ainda permaneciam nas “trevas” da morte de Jesus; sentiam-se desamparadas e desorientadas. Havia as que não conseguiam acolher a verdade da ressurreição de Jesus. Diziam que seu corpo fora retirado por alguém e que se inventara a notícia de que ele havia ressuscitado. É o que se percebe na expressão de Maria Madalena: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. Essas pessoas ainda estão no emaranhado de dúvidas, porém, pouco a pouco, receberão a graça de reconhecer a ressurreição de Jesus como um acontecimento verdadeiro e não como uma lenda.

Pedro e o discípulo que Jesus amava, ao ouvirem a notícia de Maria Madalena, correm para o local onde Jesus fora enterrado. Partem juntos, mas Pedro corre menos. É



intenção dos autores do Evangelho de João demonstrar a dificuldade de Pedro em entender e aceitar o verdadeiro significado da morte de Jesus. Talvez esteja ainda amarrado à sua vergonha de ter negado o Mestre e de tê-lo abandonado na hora decisiva. Pedro, porém, segue o discípulo que Jesus amava e, na tarde desse mesmo dia, fará a experiência maravilhosa de encontrar-se com o Ressuscitado junto com outros discípulos (20,19-23). Também na comunidade cristã havia pessoas que manifestavam resistência a aderir a Jesus morto e ressuscitado com convicção de fé. Lentamente, porém, com a ajuda dos “discípulos amados”, chegaram a trilhar o caminho do seguimento de Jesus, a ponto de dar a vida por ele, como aconteceu com o próprio Pedro.

O “discípulo que Jesus amava” chega mais depressa ao túmulo. Esse discípulo é aquele que, junto com algumas mulheres, acompanhou Jesus até a cruz (19,25-27). Testemunhou sua morte e lhe foi solidário. Agora também mostra solidariedade para com Pedro, que chega depois. Dá-lhe preferência para entrar no túmulo. Reconhece sua autoridade. Ao entrar, Pedro vê as faixas de linho e o sudário. O texto não diz que ele acreditou, apenas “viu”. Porém, do discípulo amado, diz que ele “viu e acreditou”. Os mesmos sinais são interpretados de forma diferente. Para quem ama a Jesus e se sente amado, nada o impede de crer na vitória da vida sobre a morte.

Os discípulos voltam para casa. É na casa que as comunidades primitivas se reúnem para ler e compreender a Sagrada Escritura, fazer a memória de Jesus, partilhar a experiência de fé e crescer no amor fraterno. É na casa que se derrubam as barreiras separatistas e se exercita a acolhida respeitosa da alteridade. A Igreja nas casas vai constituir o espaço sagrado por excelência no qual Jesus ressuscitado manifesta sua presença, se dá em alimento e convoca seus discípulos à missão.

III. Pistas para reflexão

— *Jesus ressuscitou: a vida já não é a mesma.* Maria Madalena se distingue por sua coragem. Ela vai ao túmulo, mesmo no escuro. Seu amor a Jesus não permite que permaneça afastada. Procura entender o sentido da morte de Jesus. Não é acomodada nem derrotista. Vai ao encontro dos discípulos e lhes anuncia uma notícia inquietante: o túmulo está vazio. A sua ousadia na busca da verdade a levará ao encontro com Jesus ressuscitado. Pedro, apesar de sua boa vontade em seguir a Jesus, ainda permanece na dúvida. O discípulo que Jesus amava é o mais rápido para “ver e crer”. Não precisou ver Jesus com os olhos da carne. Quem ama e se deixa amar por Jesus caminha na certeza de que ele está vivo.

— *A fé na ressurreição derruba barreiras.* O encontro de Pedro com Cornélio corresponde à atitude das pessoas que amam a Deus acima dos preconceitos humanos. A fé em Jesus Cristo como salvador do mundo derruba as barreiras de raças e de tradições culturais e religiosas que dividem as pessoas. Nada pode impedir o diálogo, a reconciliação, o respeito mútuo e a vivência do amor fraterno. O espaço privilegiado para essa vivência é a casa. O que aconteceu na casa de Cornélio nos anima a fortalecer o modelo da Igreja como Comunidades Eclesiais de Base; também nos incentiva ao compromisso com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

— *A vida mergulhada em Jesus Cristo.* Como aconteceu entre os cristãos colossenses, também hoje corremos o perigo de nos deixar arrastar por ideologias que contradizem o evangelho. É importante cultivarmos a prática do discernimento para assumir os valores que nos conservam na vontade de Deus e edificam a nossa vida. Professar a fé em Jesus Cristo implica viver dignamente, bem como respeitar a dignidade das demais pessoas e da natureza.



2º Domingo da Páscoa

23 de abril

Pe. Johan Konings, sj

A fé apostólica, que é nossa

I. Introdução geral

Nos domingos depois da Páscoa, a liturgia nos põe em contato com a primeira comunidade cristã. As primeiras leituras são uma sequência de leituras tomadas dos Atos dos Apóstolos. Nas leituras do evangelho, é-nos apresentada a “suma teológica” do século I, o Evangelho de João. As segundas leituras são tomadas de outros escritos muito significativos quanto aos temas batismais e da fé; no ano A, a primeira carta de Pedro.

O segundo domingo pascal, especificamente, é marcado pelo tema da *fé batismal*. É o antigo domingo *in albis* (“em vestes brancas”). Nesse domingo, os neófitos (os novos fiéis, literalmente “brotos novos”), batizados na noite pascal, apresentavam-se vestidos com a veste branca que receberam na noite de seu batismo: são “como crianças recém-nascidas” (como se dizia no canto da entrada). A oração do dia pede que progridamos na compreensão dos mistérios básicos da nossa fé, os “sacramentos da iniciação cristã” — batismo, eucaristia e confirmação —, e a oração depois da comunhão reza por mais profundo entendimento do mistério da ressurreição e do batismo. Quanto às leituras, embora não exista estrita coerência temática entre as três, todas elas nos fazem participar do espírito do mistério pascal.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,42-47)

A primeira leitura nos apresenta o ideal da comunidade cristã: a comunidade primiti-

va dos cristãos de Jerusalém. A descrição de At 2,42-47 acentua especialmente a comunhão dos bens, que corresponde ao sentido do partir o pão — comemoração do Senhor Jesus. Outros textos semelhantes sobre a vida da comunidade encontram-se em At 3,32-37 e 5,12-16. Tanto essa comunhão perfeita como os prodígios operados pelos apóstolos serviam de testemunho para os demais habitantes de Jerusalém, testemunho que não deixava de ter sua eficácia. Essa leitura é, portanto, mais do que um documento histórico sobre os primeiros tempos depois da Páscoa: é convite para restabelecermos a pureza cristã das origens.

2. II leitura (1Pd 1,3-9)

A segunda leitura é tomada da primeira carta de Pedro, que é uma espécie de homilia batismal. Na perspectiva de seu autor, a volta gloriosa do Senhor estava próxima; os cristãos deviam passar por um tempo de prova, como ouro na fornalha, para depois brilhar com Cristo na sua glória. Nessa perspectiva, a fé batismal se concebe como antecipação da plena revelação escatológica: é amar aquele que ainda não vimos e nele crer, o coração já repleto de alegria diante da salvação que se aproxima (e já alcançada na medida em que a fé nos põe em verdadeira união com Cristo).

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

O evangelho constitui o fim do Evangelho de João: Jo 20,19-31 (o capítulo 21 de João é um epílogo que excede a estrutura literária do evangelho propriamente). O Evangelho de João é composto de dois painéis, introduzidos pelo prólogo (1,1-18). O primeiro painel, 1,19-12,50, narra os “sinais” de Jesus. Esses sinais manifestam que Jesus é o enviado de Deus e que Deus está com ele e, ao mesmo tempo, revelam simbolicamente o dom que Jesus mesmo é. No segundo painel, os capítulos 13-20, Jesus, na hora de sua despedida, abre o seu mistério de união com o



Pai e inclui nele os seus discípulos, antes de assumir, livremente, a morte por amor e ser ressuscitado por Deus. Sua ressurreição é o sinal de que ele vive e sobe à glória do Pai (20,17). No trecho que ouvimos hoje, manifesta-se o dom do Espírito de Deus a partir da glorificação/exaltação de Jesus (cf. 7,37-39). Na sua despedida, Jesus prometeu aos seus o Espírito e a paz (14,15-17.26-27). Agora, o Ressuscitado, enaltecido e revestido com a glória do Pai, traz esses dons aos seus (20,21-22), que serão seus enviados como ele o foi do Pai (20,21). Para essa missão, recebem o poder de perdoar, poder que, segundo a Bíblia, é exclusivo de Deus e, portanto, só pode ser comunicado por quem comunga de sua autoridade. De fato, já no início do Evangelho de Marcos, Jesus se caracteriza como o “Filho do homem” (cf. Dn 7,13-14), que recebe de Deus esse poder (Mc 2,10). Segundo Jo 20,19-23, o Ressuscitado dá à comunidade dos fiéis o Espírito de Deus e a missão de tirar o pecado do mundo — também a missão que João Batista reconheceu em Jesus no início do evangelho (Jo 1,29). À maneira semítica e bíblica, a missão de perdoar é expressa na forma afirmativa (“a quem perdoardes os pecados, serão perdoados”) e negativa (“a quem os retiverdes [= não perdoardes], serão retidos”, Jo 20,23). Mas isso não significa que os seguidores e sucessores de Jesus poderão administrar o perdão arbitrariamente. Muito antes, trata-se do poder de administrar o perdão concedido por Deus: munida do Espírito de Deus, a comunidade reconhecerá quem recebe dele o perdão e quem não. E não deixa de ser significativo que Jesus exprima essa presença do Espírito exatamente pelo perdão e não pelo dom das línguas ou algo assim. Pois o que o ser humano procura, em profundidade, é exatamente esse “estar bem com Deus e com os irmãos” que o pecado impede, mas o perdão possibilita. Todo o culto judaico girava em torno da reconciliação com Deus e com a comunidade.

A carta aos Hebreus explica que Jesus, enquanto sumo sacerdote definitivo, realiza essa reconciliação de uma vez para sempre. O que Jesus confia aos seus em Jo 20,22-23 é mais que mera “jurisdição”. É o dom da vida nova, na “paz”, no *shalom*, o dom do Messias por excelência. Unidos na comunhão da verdadeira videira que é Jesus (Jo 15,1-8), temos a vida em abundância (Jo 10,10).

A segunda parte do evangelho de hoje conta a história de Tomé. O texto põe em evidência Tomé entre os que viram o Ressuscitado (cf. At 10,41; 1Jo 1,1-3), mas visa às gerações seguintes, que, sem terem visto, deverão crer — com base no testemunho das testemunhas privilegiadas. “Felizes os que não viram e, contudo, creram” (Jo 20,28) é bem-aventurança que se dirige a nós (cf. 1Pd 1,8, primeira leitura de hoje). E é para esse fim que os que viram nos transmitiram, por escrito, o testemunho evangélico, como diz o autor nas palavras finais (Jo 20,30-31).

Daí podermos dizer: “Cremos na fé dos que testemunharam”, a fé dos apóstolos, a fé apostólica. A Tomé é dado experimentar a realidade do Crucificado que ressuscitou, e o apóstolo proclama a sua fé, tornando-se verdadeiro fiel. Mas há outros a quem não será dado esse tipo de provas que Tomé requereu e recebeu; eles terão de acreditar também e são chamados felizes por crerem sem ter visto. Esses “outros” somos todos nós, cristãos das gerações pós-apostólicas. Mas, em vez de provas palpáveis, a nós é transmitido o testemunho escrito das testemunhas oculares, para que nós creiamos e, crendo, tenhamos a vida em seu nome (20,30-31). *A fé dos apóstolos é nossa.*

III. Pistas para reflexão: Nossa fé “apostólica”

Todo mundo gosta de ter provas palpáveis para acreditar. Mas para que ainda acreditar quando se têm provas palpáveis? E as pretensas provas, que certeza dão? Nossa fé



não vem de provas imediatas, mas da fé das “testemunhas designadas por Deus” (At 10,41), principalmente dos apóstolos.

Os apóstolos foram as testemunhas da ressurreição de Jesus. Eles puderam ver o Ressuscitado e por isso acreditaram. Tomé foi convidado por Jesus a tocar nas chagas das mãos e do lado (evangelho). Tomé pôde verificar e acreditou: “Meu Senhor e meu Deus!”. Nós não temos esse privilégio. Seremos felizes se cremos sem ter visto (Jo 20,29). Mas, para que isso fosse possível, os apóstolos nos deixaram os evangelhos, testemunho escrito do que eles viram e da fé no Cristo e Filho de Deus que abraçaram (Jo 20,30-31).

O Cristo descrito nos evangelhos é visto com os olhos da fé dos apóstolos. Um incrédulo o veria bem diferente. Nós cremos em Jesus como os apóstolos o viram. A participação na fé dos apóstolos nos dá a possibilidade de “amar Cristo sem tê-lo visto” e de “acreditar nele (como Senhor e fonte de nossa glória futura), embora ainda não o vejamos” (2ª leitura).

Nós acreditamos na fé dos apóstolos e da Igreja que eles nos deixaram. Então, nossa fé não é coisa privada. É apostólica e eclesial. Damos crédito à Igreja dos apóstolos. Os primeiros cristãos faziam isso materialmente: entregavam os seus bens para que ela os transformasse em instrumentos do amor do Cristo. Crer não é somente aceitar verdades. É agir segundo a verdade do ser discípulo e seguidor do Cristo.

É inútil querer verificar e provar nossa fé sem passar pelos apóstolos e pela corrente de transmissão que eles instituíram, a Igreja. É impossível verificar, por evidências fora do âmbito dos evangelhos, a ressurreição de Cristo. Ora, o importante não é “verificar”, ao modo de Tomé, mas viver o sentido da fé que os apóstolos (incluindo Tomé) transmitiram. A fé dos apóstolos exige que creiamos em seu testemunho sobre Jesus morto e ressuscitado e também que pratiquemos a vida de comunhão fraterna na comunidade eclesial que brotou de sua pregação.

Num tempo de hiperindividualismo, como é o nosso, essa consciência de acreditarmos naquilo que os apóstolos acreditaram é muito importante. Deles recebemos a fé, nossa “veste branca”, e, na comunidade que eles fundaram, nós a vivemos. Ora, por isso mesmo é tão importante que essa comunidade, por todo o seu modo de viver o legado do Ressuscitado, seja digna de fé.

30 de abril

3º domingo da Páscoa

A experiência de Emaús

Pe. Johan Konings, sj

I. Introdução geral

A liturgia do segundo domingo pascal apresentou a comunidade apostólica e sua fé em Jesus Cristo ressuscitado. Agora, o terceiro domingo apresenta a mensagem que essa comunidade anunciou ao mundo, a pregação dos apóstolos nos primórdios da Igreja: o “querigma”. A perspectiva do anúncio universal é criada pela antífona da entrada, com o Salmo 66[65],1-2: “Aclamai a Deus, toda a terra”, enquanto a oração do dia evoca a renovação espiritual dos que creem e recebem a condição de filhos de Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,14a.22-33)

A primeira leitura apresenta o “querigma” apostólico, o anúncio – no discurso de Pedro em Pentecostes – da ressurreição de Jesus e de sua vitória sobre a morte. É o protótipo da pregação apostólica. Suprimida a introdução do discurso, por ser a leitura de Pentecostes (At 2,15-21), a leitura de hoje se inicia com o v. 22, anunciando que o profeta rejeitado ressuscitou, cumprindo as Escrituras (Sl 16[15],8-10). Não



se trata de ver aí uma realização “ao pé da letra”, mas de reconhecer nas Escrituras antigas a maneira de agir de Deus desde sempre, a qual se realiza num sentido “pleno” em Jesus Cristo. Ou melhor: naquilo que se vê em Jesus, aparece o sentido profundo e escondido das antigas Escrituras. O importante nesse querigma é o anúncio da ressurreição como sinal de que Deus “homologou” a obra de Jesus e lhe deu razão contra tudo e todos. Isso é atestado não só por testemunhas humanas, mas também pelo testemunho de Deus mesmo, na Escritura. O Salmo 16[15], por exemplo, originalmente a prece de quem sabe que Deus não o entregará à morte, encontra em Cristo sua realização plena e inesperada. Esse salmo é também o salmo responsorial de hoje e terá de ser devidamente valorizado.

2. II leitura (1Pd 1,17-21)

Na segunda leitura, continua a leitura da 1Pd iniciada no domingo passado. Jesus Cristo é visto como aquele que nos conduz a Deus. Sua morte nos remiu de um obsoleto modo de viver. Por meio de Cristo, ou seja, quando reconhecemos e assumimos a validade do seu modo de viver e de morrer, chegamos a crer verdadeiramente em Deus e o conhecemos como aquele que ressuscita Jesus, aquele que dá razão a Jesus e “endossa” a sua obra. Isso modifica nossa vida. Desde o nosso batismo, chamamos a Deus de Pai; mas ele é também o Santo que nos chama à santidade (1Pd 1,16; cf. Lv 19,2). O sacrifício de Cristo, Cordeiro pascal, obriga-nos à santidade. Os últimos versículos desta leitura (v. 19-21) constituem uma profissão de fé no Cristo, que desde sempre está com Deus: ele nos fez ver como Deus verdadeiramente é, e por isso podemos acreditar que Deus nos ama.

3. Evangelho (Lc 24,13-35)

O evangelho é preparado pela aclamação, que evoca o ardor dos discípulos ao escutar a Palavra de Deus (cf. Lc 24,32). Trata-se da nar-

rativa dos discípulos de Emaús (lida também na missa da tarde no domingo da Páscoa). A homilia pode sublinhar diversos aspectos.

1) “Não era necessário que o Cristo padecesse tudo isso para entrar na glória?” (Lc 24,26). Cabe parar um momento no termo “o Cristo”. Não é apenas de Jesus como pessoa que se trata, mas de Jesus enquanto Cristo, Messias, libertador e salvador enviado e autorizado por Deus. Não se trata apenas de reconhecer a vontade divina a respeito de um homem piedoso, mas do modo de proceder de Deus no envio de seu *representante*, o “Filho do homem” revestido de sua autoridade (cf. Dn 7,13-14), que deve levar a termo o caminho do sofrimento e da doação da vida (cf. Lc 9,22.31).

2) Jesus “lhes explicou, em todas as Escrituras, o que estava escrito a seu respeito” (Lc 24,27). Em continuidade com a primeira leitura, podemos explicitar o tema do cumprimento das Escrituras. As Escrituras fazem compreender o teor divino do agir de Jesus. Enquanto os discípulos de Emaús estavam decepcionados a respeito de Jesus, fica claro agora que, apesar da aparência contrária, Jesus agiu certo e realizou o projeto de Deus. As Escrituras testemunham isso. Jesus assumiu e levou a termo a maneira de ver e de sentir de Deus que, embora de modo escondido, está representada nas antigas Escrituras. Ele assumiu a linha fundamental da experiência religiosa de Israel e a levou à perfeição, por assim dizer. Mas só foi possível entender isso depois de ele ter concluído a sua missão. Só à luz da Páscoa foi possível que as Escrituras se abrissem para os discípulos (cf. também Jo 20,9; 12,16).

3) Reconheceram-no ao partir o pão (cf. Lc 24,31 e 35). A experiência de Emaús nos faz reconhecer Cristo na celebração do pão repartido. Na “última ceia”, o repartir o pão fora reinterpretado, “ressignificado”, pelo próprio Jesus como dom de sua vida pelos seus e pela multidão (Lc 22,19); e à comunhão do cálice que



acompanhava esse gesto, Jesus lhe dera o sentido de celebração da nova e eterna aliança (Lc 22,20). Assim puderam reconhecê-lo ao partir do pão. Mas o gesto de Jesus na casa dos discípulos significava também a rememoração do gesto fundador que fora a Última Ceia, a primeira ceia da nova aliança. Desde então, esse gesto se renova constantemente e recebe de cada momento histórico significações novas e atuais. Que significa “partir o pão” hoje? Não é apenas o gesto eucarístico; é também o repartir o pão no dia a dia, o pão do fruto do trabalho, da cultura, da educação, da saúde... Os discípulos de Emaús, decerto, não pensavam num mero rito “religioso”, mas em solidariedade humana. Ao convidarem Jesus, não pensaram numa celebração ritual, mas num gesto de solidariedade humana: que o “peregrino” pudesse restaurar as forças e descansar, sem ter de enfrentar o perigo de uma caminhada noturna. O repartir o pão de Jesus é situado na comunhão fraterna da vida cotidiana. Esse é o “aporte” humano que Jesus ressignifica, chamando à memória o dom de sua vida.

III. Dicas para reflexão: Entender as Escrituras e partir o pão

A liturgia de hoje nos conscientiza de que Jesus, apesar – e por meio – de seu sofrimento e morte, é aquele que realiza plenamente o que a experiência de Deus no Antigo Testamento já deixou entrever, aquilo que se reconhece nas antigas Escrituras quando se olha para trás à luz do que aconteceu a Jesus. Ao tomarmos consciência disso, brota-nos, como nos discípulos de Emaús, um sentimento de íntima gratidão e alegria (“Não ardia o nosso coração...?” [Lc 24,32]) que invade a celebração toda, especialmente quando, ao partir o pão, a comunidade experimenta o Senhor ressuscitado presente no seu meio.

A saudade é a benfazeja presença do ausente. Quando alguém da família ou uma pessoa querida está longe, procuramos nos

lembrar dessa pessoa. É o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Jesus fora embora... mas, sem que o reconhecessem, estava caminhando com eles. Explicava-lhes as Escrituras. Mostrava-lhes o veio escondido do Antigo Testamento que, à luz daquilo que Jesus fez, nos faz compreender ser ele o Messias: os textos que falam do Servo Sofredor, o qual salva o povo por seu sofrimento (Is 52-53); ou do Messias humilde e rejeitado (Zc 9-12); ou do povo dos pobres de Javé (Sf 2-3) etc. Jesus ressuscitado mostrou aos discípulos de Emaús esse veio, textos que eles já tinham ouvido, mas nunca relacionado com aquilo que Jesus andou fazendo... e sofrendo.

Isso é uma lição para nós. Devemos ler a Sagrada Escritura por intermédio da visão de Jesus morto e ressuscitado, dentro da comunidade daqueles que nele creem. É o que fazem os apóstolos na sua primeira pregação, quando anunciam ao povo reunido em Jerusalém a ressurreição de Cristo, explicando os textos que, no Antigo Testamento, falam dele, como mostra a primeira leitura de hoje. *Para a compreensão cristã da Bíblia, é preciso ler a Bíblia na Igreja, reunidos em torno de Cristo ressuscitado.*

Abrir as Escrituras aos discípulos é ação parecida com a primeira parte de nossa celebração dominical, a liturgia da Palavra. E há outra ação muito mais parecida ainda com a segunda parte, o rito eucarístico: Jesus abençoa e parte o pão, e nisso os discípulos o reconhecem presente. Desde então, a Igreja repete esse gesto da fração do pão e acredita que, neste, Cristo mesmo se torna presente.

Emaús nos ensina as duas maneiras fundamentais de ter Cristo presente em sua ausência: ler as Escrituras à luz de sua memória e celebrar a fração do pão, o gesto pelo qual ele realiza sua presença real, na comunhão de sua vida, morte e ressurreição. É a presença do Cristo pascal, glorioso – já não ligado ao tempo e ao espaço, mas acessível a todos os que o buscam na fé e se reúnem em seu nome.